

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Offic. Typographica
 Rua de S. Paulo 216

Sabbado 15 de abril de 1899

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
 Provincias, 6 mezes 600 „
 Numero avulso 60 „
 Anuncios preço convencional

O assassinio de Lançarote

Em todos os tempos, as exacerbações e angustias por que se faz passar um povo, dão como resultado desabafos de ordem tal que redundam em verdadeiros excessos de barbaridade; e exemplo bem frisa nte d'esta perda de historia nos deu a Revolução Franceza, em 1793, dando logar essas resalias a que esta epocha, de terrivel recordação, tomase de denominação de epocha de Terror.

Sem ser preciso recorrer á historia da França, temos cá em casa exemplos do facto, e bem teriveis como este a que se refere a estampa que hoje offerecemos ao publico.

Morrera Fernando I, ficando regente do throno Leonor Telles, a adúltera, aconselhada pelo seu amante e valido o conde Andeiro. O espirito publico, não accieitando de bom grado nem estes amores nem este valimento, clamou bem alto contra tal escandalo, que representava já na mente de todos a absorpção da nossa nacionalidade por Castella, cujo rei, D. João I, era casado com a filha de D. Leonor Telles, D. Beatriz, e nomeou seu defensor o Mestre de Aviz, essa épica figura da nossa historia. O Mestre, auxiliado por alguns dos seus partidarios, depois de hesitar por algum tempo sobre a perpetração de um acto, que os tempos de hoje não accieitariam de boa sombra, mas que

lha D. Beatriz, e portanto, como legitimo soberano o marido d'esta D. João I de Castella, entregando-lhe suas villas e fortalezas, e prestando-lhe menagem, logo que elle entrasse em Portugal. Uma parte da fidalguia, triste é dizel-o, accedeu logo a tão vil intimação; o povo, porém, a arraiá miuda, como ao tempo se dizia, revol-

com esse proceder, e levando á sua frente um escudeiro de nome Gonçalo Nunes, intimou-o a que reconhecesse como defensor do reino o Mestre. Como Gonçalo Vasques resistisse á intimação, o povo lançou-lhe fogo ás portas do Castello, conseguindo o alcaide salvar-se porque entre os revoltosos contava alguns amigos pessoas. Senhor do castello Gonçalo Nunes, sabendo que o antigo almirante Lançarote Pessanha tencionava passar a Odemira no Algarve, para ahi tomar voz pelo rei de Castella, sahiu-lhe ao encontro na estrada, acompanhado por uns cento e cincoenta populares prendeu-o e trouxe-o para Beja.

Mas ouçamos o velho Fernão Lopes, como conta na sua tão pittoresca linguagem o fim do mallogrado almirante.

«Gonçalo Nunes, como isto soube levou consigo cincoenta de cavallo e cento entre besteiros e homens de pé, andaram toda a noite em guisa que chegaram a elle ante-manhã. E o Almirante tinha já sellado para cavalgar elle e os seus, e assim armados como estavam, foram todos presos e mouros e mouros e azemolas, com quanto haver levavam, e aos seus tomaram as armas e bestas e deixaram-nos ir. E o Almirante veio para a villa em cima de uma mula. E elle no logar puzeram-n'o na torre da menagem, dizendo elle aficadamente a todos:

«— Amigos, manda-me a meu senhor o Mestre, bem preso e arrecadado, e não me queiraes matar sem porque.» E elles



Factos historicos — O assassino de Lançarote

Aguarella de Roque Gameiro, photo-gravura de Pires Marinho (inedita)

na epocha em que os factos se dêram, fim do seculo XIV, era corrente, assassinou dentro do velho palacio onde estão hoje installadas as prisões do Limoeiro, o conde Andeiro, o que foi o signal da revolta em todo o reino. Porque logo que este facto se deu D. Leonor viu o «alevanto de Lisboa» ordenou a todos os alcaides que proclamassem como legitima soberana sua fi-

tou-se contra ordem tão anti-patriotica e preparou-se para a defesa do seu torrão natal. Estava, pois, declarada a guerra entre a nobreza e o povo. E as scenas de resalias repetiram-se na provincia d'uma forma assustadora.

O alcaide de Beja, que era Gonçalo Vasques de Mello, accieitou gostoso a ordem dada por D. Leonor; o povo é que, não sympathizando nada

diziam que não tivesse medo.

«Emquanto Gonçalo Nunes foi levar ao Mestre tudo quanto lhe havia tomado, receando-se os da villa que se levantasse o Almirante com o castello, foram-se um dia todos ahi e disseram a Vasco Rodrigues que o lançasse fóra, e elle, receando-se d'elles, foi-se para sua casa e deixou-o na torre. O Almirante, quando isto viu,

começou de se defender o melhor que poude e elles bradando que descesse ao fundo e não tivesse medo.

«Houve-o de fazer, cuidando de achar em elles piedade e compaixão. Mataram-n'o de má e deshonrada morte, e assim acabou seus postumeiros dias.»

Foi esta scena da morte de Lançarote Pessanha, sobre a qual o venerando chronista nos não deu mais pormenores, que Roque Gameiro, o notabilissimo aquarellista interpretou na magnifica estampa inedita que hoje apresentamos, e que pertence á popularissima, ainda que luxuosa edição, que da esplendida *Historia de Portugal* do mallogrado escriptor Manuel Pinheiro Chagas, está dando a lume uma empresa constituída por um nucleo de homens de coragem e bom gosto; porque innegavelmente esta publicação de que acaba de sahir o 7.º tomo, está tendo o maior exito editorial de que ha memoria no nosso paiz.

TIRO

O Novo couraçado «Rainha D. Amelia»

Na segunda feira 10 do corrente, ás 2 horas e 20 minutos da tarde, foi lançado á agua este elegante vaso de guerra construido no nosso arsenal de marinha.

Consignamos aqui este facto, por isso que, para nós, tem elie uma alta significação.

O novo couraçado, sobre o qual não entramos em apreciações, por isso que nada percebemos do assumpto, é um novo e poderoso elemento para a defeza nacional; além d'isso é a primeira construção, que em o nosso paiz se faz, de navios d'aço, embora debaixo da direcção de um distincto e illustrado constructor estrangeiro, Mr. Croneau; no entanto foram operarios portuguezes que o fizeram e toda a importancia da mão de obra, pelo menos, ficou no paiz nas mãos d'esses mesmos operarios, o que é muito.

Rejubilamos pois por este duplo motivo, com o lançamento á agua do navio, que demais entrou tão galhardamente no nosso formoso Tejo, como que incitandonos a novos emprehendimentos, que tão proveitosos se tornam á defeza e ao trabalho nacional.

Honra pois a todos, nacionaes e estrangeiros, que n'elle trabalharam.

Em contraste com o entusiasmo de que nos achavamos possuidos, e muitos mais, assistindo aquella magestosa e attraente solemnidade, a indiferença, a frieza, o silencio, com que a grande maioria do publico a presenciou causou-nos uma dolorosa impressão!

Que differença se o espectáculo fosse alguma futilidade!... A falta de entusiasmo d'um povo por actos d'esta ordem, que tanto o devia interessar, pelos motivos a que já nos referimos, tornam, fatalmente, desgraçado esse povo, que não sente, ou não sabe sentir; que não tem sangue nas veias; que não tem coração. Triste e muito triste.

Os corpos gerentes dos *Atiradores Civis Portuguezes* assistiram no Arsenal, para o qual receberam amaveis convites, que a todos muito penhorou; lembram-nos ter visto os srs. Dr. Cunha Bellem, presidente do conselho gerente; Anselmo de Sousa, presidente da commissão executiva; José Nunes Gonçalves, Chrysogono Nunes Pinto, Eduardo de Noronha, Fraga Pery de Linde, José Pinheiro de Mello, João Vieira da Silva Junior, Antonio Corrêa Pinheiro, thesoureiro; Ignacio José Franco e Gustavo José de Jesus.

Que a esta se sigam outras conquistas do trabalho nacional.

Viva a marinha de guerra Portugueza!
Vivam os operarios Portuguezes!

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Resultado do 5.º torneio realizado em 26 de fevereiro de 1899

N.º de matricula	ALVOS						TOTAL DE TIROS ACERTADOS										Classificação
	300 metros			200 metros			1 a 0	10	11	12	13	14	15	16	17	18	
	Vermelhas	Branças	Somma	Figura	Repet.	Somma											
NOMES																	
Alexandre Leuzinger.....	2	3	5	5	3	5	8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18
Augusto Ferreira Pinto Basto.....	2	4	6	4	4	3	7	-	-	-	-	-	-	-	-	17	1.º
Eduardo Jayme Aldim.....	3	2	5	5	1	5	6	-	-	-	-	-	-	-	16	-	2.º
Joaquim de Sousa Padesca.....	5	1	6	3	5	1	6	-	-	-	-	-	15	-	-	-	-
Joaquim Carrilho Garcia.....	1	5	6	2	3	4	7	-	-	-	-	-	15	-	-	-	-
Emilio Kesselring.....	0	4	4	2	2	5	8	-	-	-	14	-	-	-	-	-	-
João Consiglieri Pedroso.....	1	1	2	5	2	4	6	-	-	-	13	-	-	-	-	-	-
Nicolau Taylor Vianna.....	0	1	1	5	0	7	7	-	-	-	13	-	-	-	-	-	-
Gil Vasques Portocarrero.....	0	5	5	4	0	4	4	-	-	-	13	-	-	-	-	-	-
João Moraes Carvella.....	2	2	4	5	0	3	3	-	-	-	12	-	-	-	-	-	-
Gustavo José de Jesus.....	2	2	4	4	3	1	4	-	-	-	12	-	-	-	-	-	-
Augusto Eustaquio de Seixas.....	1	1	2	6	3	1	4	-	-	-	12	-	-	-	-	-	-
Chrysogono Nunes Pinto.....	1	1	2	4	3	3	6	-	-	-	12	-	-	-	-	-	-
Joaquim Fraga Pery de Linde.....	1	1	2	4	1	5	6	-	-	-	12	-	-	-	-	-	-
Antonio Correia Pinheiro.....	1	0	1	3	7	1	8	-	-	-	12	-	-	-	-	-	-
Francisco Rodrigues Costa.....	0	1	1	5	3	3	6	-	-	-	12	-	-	-	-	-	-
Ignacio Franco.....	2	1	3	3	0	5	5	-	-	11	-	-	-	-	-	-	-
Agostinho Manuel de Sousa.....	2	3	5	1	0	5	5	-	-	11	-	-	-	-	-	-	-
Luiz Arêde Correia Saraiva.....	1	2	3	2	3	2	5	-	-	10	-	-	-	-	-	-	-
Guilherme Vasconcellos Abreu.....	2	2	4	1	2	2	4	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Manuel Antunes Barata.....	1	2	3	3	0	1	1	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Lisboa, 26 de fevereiro de 1899.

O JURY

VISTO—O DIRECTOR DA CARREIRA

Alberto José Vergueiro

Anselmo de Sousa

Eduardo de Noronha

João Vieira da Silva, filho.

Balancete mensal

MARÇO	
Receita	
Saldo do mez anterior.....	140\$352
Venda de alguns livros da extincta A. A. C. P.....	1\$800
Offerta do sr. A. Leuzinger.....	5\$000
Importancia de 484 cartuchos, subsidio do ministerio da guerra.....	12\$100
De quotas dos socios.....	44\$400
	<u>203\$652</u>
Despeza	
Cartuchos fornecidos gratuitamente aos alumnos durante o mez, 845 a 25 réis.....	21\$125
Premios do 5.º torneio.....	28\$385
Commissão pela cobrança de quotas.....	4\$155
Gratificação ao cobrador relativa ao anno de 1898.....	2\$500
Diversas de expediente.....	1\$160
	<u>57\$325</u>
Saldo que passa a abril.....	146\$327
Réis.....	<u>203\$652</u>

Lisboa, 31 de março de 1899.

O THESOUREIRO

A. Correia Pinheiro.

Noticias de tiro

Na commissão executiva da *União dos Atiradores Civis Portuguezes* já se começou a tratar da realisação do campeonato que é no proximo mez de maio, e do concurso official de tiro que terá lugar, como de costume, em fins de junho.

Neste concurso deve haver uma parte destinada aos alumnos das diferentes escolas subsidiados pelo cofre da *União*.

A mesma commissão resolveu de accordo com o digno director da carreira de tiro, fornecer carabinas *Colts* ou *Winchester* aos alumnos mais fracos e que não podem com a arma K 8^m/86, que é demasiado pesada.

Achamos magnifica esta resolução que demonstra a boa vontade de que todos estão possuidos, que da instrução aos alumnos se tira todo o proveito que for possivel de forma a preparar bons atiradores.

LITTERATURA

PORTUGAL ANTIGO

ESCRITORES PORTUGUEZES DO SEculo XVII

Martim Affonso de Miranda

E O

TEMPO DE AGORA

Habent sua fata libelli...

Descance o leitor, que não se trata aqui de libellos. O livrinho pacifico e interessante, de que lhe vou falar, encontrei-o, ha dias, no Chiado, na livraria do meu amigo José Bastos, e cheirou-me logo — apenas li o titulo — a que era dos que tem dentro alguma coisa para nos dizer. Effectivamente tinha. Chama-se — *Tempo de agora*: é em dialogos, e dirigido ao Illustrissimo Senhor D. Theodozio, segundo do nome, Duque de Bragança, etc. Auctor o alferes Martim Affonso de Miranda, natural de Lisboa. Má edição, muito incorrecta, copia fiel da de 1622, diz o editor Bento José de Souza Farinha, professor regio de Philosophia e socio da Academia Real das Sciencias, desacreditando a primeira, e mostrando-se incapaz de a corrigir, visto que a copiou! Se é que os erros não são do copista, e então a victima foi, ainda por cima, calumniada! Fica para outra occasião apurar este caso.

Quem diz *Tempo de agora*, no frontispicio d'um livro, promete com certeza a descripção dos costumes, e com muita probabilidade a sua critica. No caso presente o titulo promete, e o livro não falta. Como era chamariz, acudi ao reclamo, e caí, quero dizer, comprei. Não me arrependo, porque não perdi nem o tempo, nem o dinheiro — que foi pouco.

Como naquella época não era a moral o que mais abundava e luzia na sociedade, abundavam os livros que se occupavam

d'esta dama—requestada por ausente. O *Tempo de agora* pertence a um genero, em que nós primámos tambem, e em que a todos sobreleva um escriptor, que foi nisso modelo, e deixou o seu nome assignalado com os famosos *Apologos dialogaes*. E' claro que me refiro a D. Francisco Manuel de Mello. Um mestre, unico e inconfundivel, pela graça, elegancia, e outras raras qualidades do seu estylo.

Este Martim Affonso de Miranda—que tem um bonito nome, portuguez de lei, e fidalgo, com todo o sabor dos da primeira dynastia—este Martim Affonso, digo, não corre parelhas com o nosso seiscentista—comquanto fossem contemporaneos:—é erudito, mostra-o, e é por isso mais pesado, mas contudo não é para desprezar: deixa-se lêr, e, ás vezes, faz-se lêr—o que é um pouco mais.

Os escriptores antigos—os de 1400, 1500 e 1600—não tinham a orientação moderna—a actual, eram com certeza menos scientificos, mas tinham sem duvida mais letras que os do nosso tempo; e ainda quando são arrastados no estylo, e carregados de citações latinas e referencias gregas, teem uma qualidade boa, que os salva—sabiam a sua lingua, escreviam portuguez. E por isso são ainda os nossos guias.

Encontra-se esta virtude até nos de terceira ordem, tinham-n-a todos: era comum. Hoje é rara até nos de primeira! Não lhes era azado fazer gallicismos, porque eram poucos entre nós os livros francezes. Hespanhoes, italianos, e latinos—esses sim—andavam na mão de toda a gente, e foi com o oiro d'essas minas philologicas, nossas mais proximas congeneres, que os grandes artistas e grandes mestres da nossa litteratura—os da Renascença, enriqueceram e aperfeiçoaram o admiravel idioma que nós hoje falamos.

*

* *

Teem seus destinos os livros—dissémos nós ao principiar. Este comprámos-o hontem, folheámos-o apenas, e que o tivessemos lido não iriamos dissecal-o, analysal-o aqui—não se nos affigura ser obra de tomo para taes trabalhos, mas sim para citações em auxilio da historia. No fim do Prologo—curto e tambem em dialogo diz o auctor que o seu zelo «todo elle se funda em agradar, e melhorar com as lembranças dos passados seculos os males do tempo de agora.» E' de agradecer a intenção. Se Martim Affonso conseguiu realizar o seu intento, ou se este programma antigo teve o mesmo resultado de tantos outros programmas modernos, vê-se pelo fraco exito da primeira edição.

O editor Bento José de Souza Farinha entendeu dever resuscitar a obra, e deu-a ao prelo, nos fins do seculo passado, em 1785. O segundo volume—publicado em 1624, pela primeira vez—é dedicado «Ao Excellentissimo Senhor Dom João, segundo do nome, Duque de Barcellos, legitimo successor da inclita casa de Bragança»—e que foi depois o rei D. João IV. O titulo deste vem acrescentado, e diz assim—«Segunda parte do *Tempo de agora* e doutrina para principes».

Se os principes leram a obra do moralista, e aprenderam com elle alguma cousa da difficil arte de reinar, é ponto difficil de esclarecer. O que nós, neste momento, apreciamos nella não é a litteratura, tam pouco a moral e a philosophia: o melhor, encontrámos-o disperso aqui e alli, entre sa divagações da sua varia erudição. O

auctor encheu dois tomos, com a critica dos costumes, e nós o que apreciamos e o que lhe agradecemos são uns pequeninos quadros, com muito valor historico, d'entre os quaes destacamos o retrato d'um elegante do seu tempo, no traço cortezão completo, com todos os seus pormenores e arrebigues!

E este favor é grande—tão despreocupados teem sido, em todos os tempos, os nossos escriptores, d'este genero de descrições; e, porque pela falta de pinturas tambem, tão difficultoso é reconstruir a historia da indumentaria nacional! Não nol-o prestaram artistas de maiores poses, aquelles que, como o Vieira, o Fr. Luiz de Sousa, o D. Francisco Manuel, o Bernardes, poderiam rivalisar, no desenho e no colorido, com os grandes mestres italianos e flamengos.

Inspirada nos modelos das letras classicas, á nossa litteratura dominou-a um ideal excessivamente abstracto. Compare-se Fernam Lopes com João de Barros, por exemplo, e vêr-se-ha logo quanto este se affasta, e aquelle se aproxima de nós. O mais antigo—o Fernão Lopes—é que parece o mais moderno! E assim tambem, dos nossos historiadores, um dos menos letrados foi o mais pittoresco. Refiro-me a Gaspar Corrêa.

Eis o retrato do plebeu afdalgado. Pôl-o Martim Affonso na bôca de Alberto, um dos seus interlocutores.

Filho de pae mecanico, mas rico e graduado, pois era familiar do Santo Officio, e pessoa a quem por seu segredo se communicavam materias de muito porte, irmão da Santa Mizericordia, e dos doze da mesa muitas vezes, importante o seu voto na Camara e na Cidade, e correôiro de profissão, não o applicou o seu progenitor á arte que o enriquecera, dedicou-o ás artes, e fez d'elle um insigne musico. Depois soffreu-lhe as consequencias, e os triumphos e glorias do filho apressaram-lhe a morte. Livre este, e com meios, seguiu na vida que já levava, e seguiu subindo em aspirações e desvarios! Aqui vem o quadro com a sua figura.

«Eis-me aqui, á larga, com um pouco que me ficou, que em breve consumi em exercicios pueris, e viciosos fructos, que a modicidade e largueza trazem consigo: dei em vestir á cortezá, bem differente do que em vida de meu pae travava, porque, em seu tempo, trazia eu pelote, e ferragoulo de dozeno, chapêu de lâ preta, no pesçoço uma pequena volta, umas botas de bom cordovão, porém triennaes. Puz-me gentil homem com ferragoulo e roupeta de sargeta de seda, calções e gibão de melcochado, golpeados sobre telilha branca, manteu de Cambray mui azul, punhos do mesmo, com um palmo de pulso a apparecer, meias de Toledo, ligas de quatro covados de taffeté negro, com pontas de oiro, sapatos de bôca de vaca, e rosas nelles mui grandes com serrilha, adereços de espada de tauxia, sombreiro ao largo e mui fino, de castor, com trancelim de peças. Eu, algum tanto bem feito e lustroso, meu pagem de librê, triumphei alguns dias a vida alegremente, mas, como nunca faltam velhacos murmuradores, diziam:

—Vêdes fulano, que ali vai—nomeando-me por meu nome—pois do coiro safram aquellas corréas!»

E assim era, e assim é, e assim continuará, a despeito de todos os moralistas, desde La Bruyère até ao nosso Martim Affonso... Mas deixemos as murmurações e dicadidades do mundo, e agradeçamos-lhe o ter feito para nós este quadrinho, acabado e metido como um flamengo—uma

verdadeira joia perdida no *bric-à-brac* litterario da vida portugueza do primeiro quartel do seculo xvii. A moldura é algo abstracta, mas a figura pintada tem vigor, sae da tela e vê-se bem.

O sr. de Miranda propoz-se altas philosophias—endireitar o mundo, e ensinar aos principes a arte de reinar—e nós, de tudo isso, o que apreciamos e aproveitamos é o retrato d'um janota, d'um elegante do seu tempo! Um figurino!

Habent sua fata libelli!

27—agosto—97.

ZACHARIAS D'ANÇA.

Caçadas na Povoas das Meadas

Fechem livros, que a troco de mais saber, sempre ignorado, matam a vista e não fazem conhecer, da natureza, o que os proprios olhos não aprendam.

Caçam, que a caça apura os sentidos e desdobra quadros que nem a pintura idealisa eguaes.

Ouve-se o sicar da aragem nas arvores, sons eolicos, bulhas vagas dos campos e o cantar das aves, melodias, que a musica poderá apurar para a alma as escutar melhor, mas já de si harmonias em que o rugir dos animaes, e os tiros—como os trovões—não destoam aos ouvidos.

Devezas de castanheiros, carvalheiras, montados de azinho e sobre, o negro granito a entremear verduras dos esteveas, cerrados de restolhos amarelentos de centcio, giestas e piornos; horisontes a perder de vista,—panorama não alegre que o inverno mais triste fazia ainda—; o cacarejar das perdizes e a fusilaria a estrondear em echos, era o que ia ver e ouvir a essa Povoas das Meadas, que uma chorographia, de acaso havida ás mãos, descreve simples e correctamente:

«Povoas e Meadas—978 almas, concehlo de Castello de Vide, comarca, districto e bispado de Portalegre».

Eram oito dias, do mez de novembro, em cada anno, roubados ao serviço do Estado, por motivo de saude—no que não faltava á verdade—que dedicava a este prazer que a distancia poetisa de mais um pouco a relembral-os.

Só por accidente se me prendia a attenção nas bellezas dos campos e da paysagem. Via principalmente: na esteva e nas giestas bons sitios de gallinholas e maos de perdizes pelo que fogem, a pés, dos cães; nas ceareas pasto de lebras a acoitadas e nas manchas densos abrigos para toda a caça. A extensão do terreno, os seus accidentes, as penedias, olhava-os como obstaculos a perseguir-a a juntar ás frequentes paredes de pedra solta das courelas. E a falla dos animaes ouvia-a só como vozes a chamarem-me, dando-me os sons dos tiros alegrias das suas previstas mortes.

Nem ia solitario, como melhor iria quem fosse namorar plantas e boninas, e alimentar-se de auras.

Reuniamo-n'os dez a vinte caçadores mais propensos a prosaicas, embora heroicas façanhas, do que a idyllios; capitaneados pelo ainda vigoroso Conde de A., que d'estas caçadas fazia seu principal prazer.

Era-lhe gloria entrar em Portalegre as peças mortas a ajuar bestas de carga, e o exhibil-as depois, estendidas nos ladrilhos das salas do palacio franqueadas aos visitantes, a colher louvores e parabens.

Nada tambem penso a piegueiras. Caçador de lei, de juro e herdade, tendo na familia nobreza, a par, de espada,—espada que elle proprio cingira com valor.

Nos avós, contava um, que da janella do palacio caçara, em dia de menos agrado aos sinos, o sineiro da fronteira torre. Demasias de privilegiadas classes a que vieram pôr cõbro as de outras. Entre ambas deixo ao diabo a escolha!

Apesar de por fraqueza do olho direito apontar do esquerdo, servindo-se de coronha torta, ainda matava bem o conde.

O valente n'elle não dispensava o cor-tez. Era-o em extremo e bizarro. No franco e largo acolhimento que nos fazia o mostra.

A farta mesa servida dos adubados paies e chouricos, dos saporosissimos lombos assados no espeto, das boas empadas frias de javardo, aguçando o appetite, aperitivas azeitonas, mais nos embotava em demorada digestão o espirito para amenas inspirações.

Para doçuras só *toucinho do ceu*, golo-seima dedicada ao Conde de V. de R. Distincção desculpavel feita ao filho do senhor directo da maior parte das terras em que realisavamos as caçadas. Na partilha lançavamos á sua conta as desaparecidas caixas por todos devoradas.

O vinho, feição de Borba, dava calores a animar contos e aneddotas de caçadas, narrativas de episodios do dia e de ha cem annos commentados entre alegrias e gargalhadas, pouco a pouco a morrer, depois da mesa, em historias sem fio, nem graça, para os que já na cama pensavam.

N'esta, afinal, conciliavamos o bom somno do caçador — bom quando não cansado de mais — a repõrnos de todo para fadigas novas.

De supporte ao Conde de A. estava o genro, o Visconde de R. A' sua lembrança devio o convite. Agradecido relembro, os bons prazeres que d'ahi me vieram. — Não espere por isso loas que não mereça. Não é de caçadores a lisonja, e a mentira que n'elles se diz ser pecha, não passa em mim de colorido.

Enthusiasmo de caçador ali! Boa espingarda; segurando bem a caça do segundo tiro; — melhor seria matasse logo ao primeiro. — Sabedor da arte mas meticoloso em discutir-lhe os preceitos. Na pratica, felizmente, cortava pelo instincto. Dois pontos duvidosos se lhe offereceram a decidir assim.

Primeiro: porco ferido ataca ou não a gente?

Numa das batidas partiu os rins a um bello bicho, (cujas sedas conservo ainda), de oito arrobos e aguçadas prezas: á cautela, emquanto o viu mecher, foi atirando. Meteu-lhe oito balas no corpo! E nós a julgar pelos tiros, com inveja e alegria, mortandade basta! Continuou discutivel a these mas segurara-se da peor hypotese.

Segundo: a raposa ferida apparente de morta, succumbida ou para illudir? Pegou pelo rabo numa que o Conde de A. chumbára e só a custo da espingarda quebrada nos queixos se defendeu dos arreganhados dentes. — Ficou aclarada a duvida?

A mim me cahiu, e ficou ao tiro outra que esperou o fim da batida para fugir, correndo. Não lhe valeu a astucia, morreu de vez e deveras ao tiro do D. D. M. a quem perdõo o bigode em lembrança das caçadas (com o irmão, o L. F. M. tambem d'estas) ás codornizes em Santa Martha, e nos virentes campos do ameno Tejo, alojando-nos no barco das obras de Santarem.

Não ficou mais esclarecida a questão.

(Continua).

Os patos bravos terão dois pés?

Ora aqui está, dirá o leitor, uma pergunta bem tola, e quem com seriedade respondesse *têm* daria uma prova de ser tão tolo como quem ousou fazel-a. Em verdade, quem não terá visto ainda patos bravos e domesticos, e quem não saberá que estas aves são bipedes como todas as outras aves?

Averiguado está que, por uma aberração da natureza, vê-se ás vezes um animal que veio a este mundo com um membro a mais ou a menos. Um pato bravo poderia ter nascido unicamente com um pé, mas nem por isso haveria razão para perguntar se todos os patos bravos têm um só pé. Em boa logica, nunca faz regra uma excepção; no entanto, o que vou contar mostra como, em uma situação difficil, um individuo soube tirar-se de embarços, asseverando que os patos bravos têm unicamente um pé.

O individuo a quem me refiro era um cozinheiro chamado Matheus, que se achava ao serviço d'um fidalgo, grande amador da caça. Ao entrar no solar, entregou ao cozinheiro um pato bravo, mimo que reservava para um amigo a quem convidára para a ceia.

Matheus tratou de o preparar; á hora precisa, a ave, bem lardeada, era tirada do espeto e collocada sobre a mesa da cozinha.

N'este momento, entrava uma rapariga que, pelas suas maneiras sem-cerimoniosas e francas, bem se conhecia ter livre ingresso n'aquelle recinto. Era a namorada do Matheus, o chefe da cozinha.

— Ah! que delicioso cheiro! — dizia ella, procurando com o nariz de que lado vinham os effluvios, como um perdigueiro que fareja a caça perto, — o que é que exhala tão bom cheiro, Matheus?

— O que alli está; — respondeu, apontando para o pato, que, d'um tostado cõr de ouro e a escorrer chorume, derramava por toda a cozinha um perfume devéras provocativo.

Cresceu agua na bocca da donzella e com um tom amigo, supplicante, lançando o braço em torno do pescoço do Matheus, disse-lhe:

— Meu amiguinho, tu vaes dar-me um bocadinho d'aquelle assado.

— Ah! é impossivel, minha pomba; o que diria o patrão ao ver o pato mutilado!

Mas a filha de Eva conhecia bem o seu homem e, em summa, não tinha o feitio de bater em retirada logo á primeira recusa. Acariciou, adulou por modo tal o cozinheiro que este, pegando n'uma faca, d'um só golpe decepou a coxa do pato, entregando-a á seductora em troca d'um beijo.

Mas, a breve trecho, Matheus começára a reflectir nas consequencias desagradaveis que poderia ter este acto de fraqueza da sua parte; esperava, no entanto, que com algum artificio conseguiria occultar o crime, e que a subtracção passaria despercebida; não aconteceu, porém, assim. O fidalgo, á ceia, ao trincar o pato, deu immediatamente pela falta e mandou chamar o chefe da cozinha:

— Que é coiza — perguntou — da outra coxa do pato?

— Ah! senhor conde, — respondeu Matheus com um ar perfeitamente bem fingido, — pois v. ex.^a não sabe que os patos bravos têm unicamente um pé?!

— Não te mandei chamar para ouvir as tuas tolices; responde-me seriamente ao que te pergunto.

— Tenho a honra de responder a v. ex.^a,

com a maior seriedade d'este mundo, que os patos bravos não têm senão um pé.

Não querendo o conde, em presença do hospede, entrar em discussão com um subalterno, não insistiu; fez signal a Matheus para que se retirasse e, na occasião, a causa ficou por aqui.

No dia seguinte, de manhã muito cedo, mandou o fidalgo sellar dois cavallos, montando n'um e mandando montar no outro o cozinheiro; depois, lá se dirigiram atravez dos campos, para um lago, onde, de ordinario n'essa estação, havia bastantes patos bravos. Ao chegar á beira do lago, os cavalleiros divisaram logo um bando d'estas aves. Vinha rompendo a aurora, e os patos, como habitualmente, dormiam apoiados em um só pé, com a cabeça occulta sob a aza.

Matheus valeu-se d'esta circumstancia para dizer ao amo, acto continuo:

— Ora espero, senhor conde, que não continuará a duvidar da verdade da minha affirmativa, pois, como pôde verificar facilmente, todos aquellos patos que além estão têm unicamente um pé!

Mal pôde o fidalgo conter o riso, ao ver a convicção com que o pateta julgava triumphar.

— Sim, sim senhor, vejo bem; mas tu vaes ver tambem immediatamente como elles têm dois pés.

E o conde começou a berrar: ah! ah! ah!...

Os patos acordaram com o barulho e pousaram logo o outro pé no chão.

— E agora que te parece, Matheus?

— O que me parece, senhor conde, é que com effeito elles têm agora dois pés; mas, quando v. ex.^a hontem trinchava o pato não se lembrou de fazer essa exclamação. Se lhe tivesse berrado: oh! oh! oh!... é muito de presumir que elle tivesse extendido logo a outra perna sobre o prato.

Traducção de

ERNESTO VIANNA.

CAÇA

Associação dos Caçadores Portuguezes

(Esta revista é órgão official da associação)

Parte official

Direcção

SESSÃO EM 5 DO CORRENTE

Estando presentes a maioria dos membros da direcção foi lida e approvada a acta da sessão antecedente. O sr. secretario leu o expediente que se segue e qual foi logo dado o destino conveniente:

Comunicações e queixas dos srs. D. Eduardo de Lete, Carlos Pestana, Joaquim Filipe Simplicio, Joaquim dos Santos Barroso, Diogo Maria Cayolla, Accacio da Conceição Silva, Francisco Quintella de Assis, Joaquim Pires dos Santos, Eugenio Pereira da Silva, Joaquim Antonio Carneiro, Antunes da Costa Ribeiro, Martinho Faria da Silva, Pedro Charolla, Augusto Pinheiro, Antonio Joaquim Veiga, Luiz Augusto Madeira e Augusto Cesar de Vasconcelos.

Recebeu-se communicação do presidente da camara municipal de Idanha a Nova confirmando a nomeação do guarda n.º 35.

Resolveu-se mais o expedir a seguinte correspondencia:

Officios aos governadores civis dos districtos de Santarem, Faro, Guarda, Portalegre e Beja, de quem se tinha recebido correspondencia.

Enviar representação á Companhia dos Tabacos, ao director geral das alfandegas, e aos chefes fiscaes de Lisboa.

Nomear auxiliares de fiscalisação Luiz dos Santos, Barbosa, Nicolau Francisco, João Alves, Nicolau Antonio e Wenceslau Leandro.

Expedir officios circulares a todas as camaras municipaes pedindo a observancia dos regulamentos de caça e a uniformisação das posturas que ainda restam regularisar em 28 concelhos.

Nomear guarda para a região de Torres Vedras, Jayme Carvalhosa, e tres policias e um cabo no districto de Portalegre e realizar o mesmo no districto de Santarem.

Balancete mensal

MARÇO		
Receita		
Saldo do mez anterior.....	328\$615	
Rendimento de quotas e diplomas.....	129\$600	
Rendimento da séde.....	435\$850	894\$065
Despeza		
Movimento da Associação..	246\$805	
Amortisação de capital inicial.....	105\$000	351\$805
Saldo que passa para abril..		542\$260
Réis.....		894\$065

Lisboa, 31 de março de 1899.

O SECRETARIO

Henrique Anachoreta.

AVISOS

Caçada às rapozas

Está aberta a inscripção para a 12.^a caçada organisadas pela Associação dos Caçadores Portuguezes. A caçada realizar-se-ha no proximo mez de maio se houver numero sufficiente de socios inscriptos. Cada bilhete custa 1\$500 reis.

São prevenidos os socios da Associação dos Caçadores Portuguezes de que em virtude do grande movimento de secretaria é completamente impossivel responder a todas as communicações recebidas, dando-se-lhe, comtudo, seguimento immediato, e quando haja de se fazer alguma referencia ao socio, será por intermedio d'este jornal em correspondencia abreviada.

Os signaes da Associação, uma bandeira em bico, encarnada, com as iniciaes A. C. P., em branco, custam 700 reis e devem ser pedidas na séde da Associação, Praça Luiz de Camões, 46, 2.^o

São por este meio prevenidos os socios, que todas as communicações, avisos, ou lembranças de qualquer ordem, lhe será feita, n'este local de *O Tiro Civil*, por isso que é o orgão official da Associação, afim de evitar as despezas de impressos, sellos, expediente, etc.

Lisboa, 14 de abril de 1899.

O SECRETARIO

Henrique Anachoreta.

Uma sociedade modelo

Entre as muitas sociedades de caça que existem em Zaragoza, ha uma que traz de renda o couto de *Ganaderos*, extensa propriedade de tres mil e tantos hectares, situada proxivamente a 18 kilometros da cidade, podendo fazer-se o trajecto em trem com bastante commodidade e não gastando mais de 7 quartos d'hora.

Preside á referida sociedade um distincto *sportsman* do reino visinho, sympathico director em Aragão da Fenix Francez, D. Pedro Liria, sendo primeiro e segundo vogaes respectivamente D. Bernardo Orúz e o proprietario e conhecido publicista D. Eduardo de Lete, socio tambem da Associação dos Caçadores Portuguezes, e nosso estimado assignante; secretario é o respeitavel tabellião D. Fabian Juan Lopez e thesoureiro D. Francisco Juez.

Segundo o regulamento podem ser 16 os membros da sociedade, ainda que actualmente não são mais de 13 de cuja distincão e meritos cynegeticos dá ideia a simples enumeração dos seus nomes tão conhecidos entre os amadores d'este *sport*: D. Juan Manoel Gloria; D. Xavier Rami-

rez; D. José Puyol; D. Joaquim Peirosa; Marquez de Urrea; D. José Urries; D. Modesto Jimenes; D. Antonino Alegre e D. Antonio Escudero.

A sociedade dispõe de uma casa confortavelmente mobilada, na qual graças ao cuidado e á pratica do sr. Liria, estam previstas todas as necessidades, desde o plano do couto e dos 16 armeiros até á bem provida dispensa; e de tal fôrma está tudo bem organizado que o temperamento mais escrupuloso nada encontra a desejar.

A sociedade de *Ganaderos* rege-se por um regulamento estrictamente cumprido e é tal a união que reina entre os socios que se pôde considerar esse regulamento como um objecto puramente decorativo e de luxo.

Não se permite a indigna caça com o furão, não se admite outro auxiliar que não seja o nobre cão caçando em *guerra leal* como se diz no *argot* cinegetico.

O couto de que estou fallando tem tido sempre fama pelos seus pastos e terrenos fecundos, chegando a ser considerado o viveiro das propriedades visinhas. Anteriormente ao actual arrendamento, e não ha ainda muito tempo, tirou-se-lhe n'um anno a enorme somma de dezoito mil coelhos! Depois de todo o genero de barbaridades e desmandos, foi ha 4 annos arrendado á actual sociedade que tem tido todo o esmero em lhe dar o antigo brilhantismo conseguindo já no corrente anno 1349 coelhos, 36 lebres, 56 perdizes e 51 peças variadas.

Poderá parecer exiguo este resultado, mas é necessario não esquecer que a época de caçar é n'esta região bastante curta por causa dos ventos e neves, e alem d'isso em virtude das suas occupações o numero de socios que se dedicam com certa frequencia a tão agradável *sport* é muito limitado; um ou dois dias por mez quando se não passam mezes sem visitar o couto.

O couto está entregue á vigilancia de dois guardas; é plano na sua maior parte excepto o norte e noroeste onde é mais acidentado. Devido a intelligentes e bem dirigidos cortes o matto conserva-se nas condições precisas, encontrando-se entre elle as melhores variedades de tomilho, de rosmaninho, de sanfeno, jardo, etc.

A caça mais abundante é a do coelho que acama bastante e é caçada com cão de mostra; a perdiz, já bastante abundante no ultimo anno, não espera o caçador, e a lebre entra no couto em certa quantidade em determinadas epochas do anno podendo em poucos dias ver-se bastantes exemplares de tão interessante especie.

PÓLUX.

O Defezo

Continúa a lucta entre os que a todo o custo querem que se cumpra a lei, e os que, por habito, por falta de sentimentos humanitarios e vil interesse teimam em caçar no tempo defezo, por todos os meios e empregando de preferencia os de traição.

Em muitos dos nossos collegas estamos todos os dias vendo reclamações, e, com magua o dizemos, accusações a muitas autoridades, que por motivos varios, são as primeiras a desrespeitar-se não respeitando a lei.

A lucta, porém, tem de ser renhida e demorada. A tenacidade dos que trabalham, atravez dos apodos de uns, do desleixo de outros e da critica e censura dos que só para isso teem merecimento, conseguirá, temos a certeza, melhorar successivamente

as condições em que se acha a caça em Portugal.

A Associação dos Caçadores Portuguezes e a Associação protectora de caça em tempo defezo, trabalham quanto podem e empregam os melhores meios de que dispõem em favor do defezo.

No Porto o *Club dos Caçadores do Porto*, em Coimbra a Associação dos Caçadores, na Figueira da Foz a Secção de Caça do *Gymnasio Club Figueirense*, em Vianna do Castello, em Villa Nova de Famalicao e um sem numero de sociedades e grupos de socios da Associação dos Caçadores Portuguezes, seguem-lhes o exemplo.

Em muitos districtos, taes como Santarem, Evora, Portalegre, etc., os trabalhos são feitos por muitos com consciencia e amor.

De tudo isto é a natural consequencia, que os zoilos escuzam de negar, o defezo é mais bem guardado e a caça augmentará fatalmente, em beneficio dos caçadores amadores, do paiz e mesmo dos que a destroem no tempo vedado.

Sociedade de tiro aos pombos

(Tapada da Ajuda)

No dia 24 de março teve logar o 12.^o tiro, a que compareceram algumas senhoras e em que tomaram parte 5 atiradores: El-Rei, Jorge Burnay, Alfredo O'Neill, Alberto O'Neill e Carlos Duarte Luz.

Houve 6 series, sendo 5 a tiro simples e 1 a tiro dobrado.

Foram mortos 70 pombos em 100.

Ganharam as pulas:

El-Rei, 3; Alfredo O'Neill, 1; Alberto O'Neill, 1 e Carlos Luz, 1.

El-Rei retirou ao terminar a 4.^a serie, tendo morto 18 pombos a seguir.

Antes, porém, de começar o tiro aos pombos esteve atirando á pistola, servindo-lhe d'alvo cartuchos de espingarda collocados de tópo; e, pelo orificio feito pela primeira bala, fazia passar as demais!

Tambem matou alguns pombos á bala, com pistola.

* * *

O sr. Carlos Luz, atirador da velha guarda, apesar da sua idade e da vista enfraquecida, tem feito nos ultimos tempos verdadeiros prodigios n'este genero de *sport*.

No tiro do dia 1 seguiu a par e passo El-Rei no desempate d'uma pula, e n'esse mesmo dia conseguiu vencer, no tiro dobrado, dois atiradores de primeira ordem, os srs. Alfredo e Alberto O'Neill.

Tiro de sala

O celebre atirador Mr. Koop, estreou ultimamente nas Folies Bergère um novo numero que tem despertado o enthusiasmo entre o publico de Paris.

Consiste este numero, que se nos affigura muito interessante, n'uma caçada improvisada no palco do circo, em que são abatidos pelo dextro atirador, coelhos, pombos, e outros animaes.

O mais curioso é que Mr. Koop atira aos pombos, quando voam, estando com os olhos vendados!

CLEMENT a primeira machina do mundo, vêr o annuncio na secção competente.

ARTES

A estatua de Affonso d'Albuquerque

E' figura d'um grandioso extraordinario na historia portuguesa a de Affonso d'Albuquerque, o homem que teve a audacia de sonhar para o pequeno paiz de navegadores do extremo da Europa um imperio no Oriente, e que teve forças para lançar os alicerces d'essa empresa formidavel.

Os heroes da navegação haviam intentado descobrir o caminho da India e descobriram-no sem que receios ou perigos os desviassem da rôta; ao alto espirito d'Albuquerque parece pequeno premio de tão grandioso esforço, o lucro dos quintaes de pimenta negociados pelas naus portuguezas, e conquistar para o seu paiz um imperio n'essas terras do Oriente, avassalar-lhe os rajahs assombrados do dominio de Portugal, foi a idéa que passou a occupar toda a vida do grande capitão, desde que pela primeira vez aportou a essa India, que encheu com o seu nome, tomando n'ella as proporções lendárias d'um Deus.

Não o auxiliaram os seus contemporaneos, muitos avidos mais de riquezas que de gloria, outros porque recuavam atemorizados pela enormidade do feito, a grande empresa d'Albuquerque; não soube avaliar, El-Rei D. Manoel que florão brilhantissimo punha na sua corôa o estabelecimento de um solido imperio portuguez n'essas regiões maravilhosas, nem o valor e a lealdade da energica mão que lh'o offercia, e dando ouvidos ás intrigas dos que procurando enriquecer com o saque da India, eram em seus intentos contrariados pela serena justiça d'Albuquerque, cujo largo espirito comprehendia que só n'esse grande apoio poderia firmar o sonhado imperio, destituiu do governo do Oriente o grande homem, que teve a fortuna de morrer antes de ver cahir a pedaços, o edificio soberbo elevado pelas supremas energias da sua alma heroica, minado em breve pela corrupção de que o infiltravam os descendentes dos arrojados navegantes e dos altivos soldados seus companheiros de gloria.



Antonio da Costa Motta

O tempo e as lições da historia tem avultado ainda esta figura colossal, que envergonha a pequenez dos nossos grandes homens d'hoje, e um homem benemerito, que pertenceu á passada geração e foi um trabalhador incansavel Luz Soriano, deixou no seu testamento um civico legado, destinado a fazer erguer em Lisboa o monumento do grande vulto portuguez que se chamou Albuquerque,

Correram á porfia os artistas mais notaveis entre os nossos esculptores, e dos projectos apresentados, em que se encontravam alguns de levantado merito, foi approvado o d'um moço e modesto esculptor, Antonio da Costa Motta, discipulo do illustre professor Simões d'Almeida. Motta possui verdadeiro talento e pertence ao numero dos trabalhadores estudiosos e modestos que esforçando-se constantemente por alcançar uma perfeição maior na sua arte, miram um ideal tão alto que receiam



Estatua de Affonso de Albuquerque

nunca attingil-o, e que na ancia d'esse desejo, nas satisfações intimas da sua consciencia procuradas no trabalho, desprezam o emprego da *tapage* com que se seduzem as multidões.

Acceite o seu projecto no concurso para o monumento a Affonso d'Albuquerque, a grandesa do assumpto absorveu-lhe de tal modo o pensamento, que o artista esqueceu até que o legado (35 contos já desfalcados pelos premios do concurso) era exigiu para a sonhada grandesa do monumento.

Barros Gomes, cujo espirito patriotico é bem conhecido, tinha-se entusiasmado pela realisação d'essa obra de justiça e animava o artista, cujos esforços applaudia calorosamente, apoiando-o com a sua protecção. A morte d'este nobre estadista deixou Antonio Motta luctando com difficuldades, que o sentimento do valor da sua obra, e da sua dignidade artistica, farrão reverter em prejuizos materiaes para o esculptor que por preço algum quererá deixar de realisar o monumento tal como o imaginou.

A estatua de Affonso d'Albuquerque está modelada em barro no atelier do artista, descrevel-a é impossivel, aqui só poderá avaliar-lhe a grandiosidade imponente quem a vir na attitudo soberba com que o heroe, apontando armas e pelouros, mostra aos embaixadores do rei da Persia — a moeda com que El-Rei de Portugal paga a quem exige tributos dos seus vassallos.

Em breve o esculptor irá esquartejar a estatua para a formar no gesso que servirá de molde ao bronze em que a estatua deve fundir-se.

Mas o bronze ?

O valor do bronze necessario para a estatua juntando-se ás enormes despezas já feitas e ás que terão de fazer-se com a fundição, excederá certamente os 35 contos do legado, e ao artista ficaria depois d'annos de trabalho, como remuneração, apenas a gloria de ter realiado um bello monumento.

Entendeu o *Gremio Artistico* que devia

occupar-se d'este assumpto, e uma commissão, presidida pejo architecto Adães Bermudes, dirigindo-se a s. ex.^a o ministro da guerra pedindo-lhe se dignasse fornecer ao artista o bronze necessario para a estatua e permittir que ella se fundisse na Fundação de Canhões.

O ministro recebeu attentiosamente a commissão, dizendo-lhe que effectivamente possuia algum bronze, porém necessitava d'elle para fundir boccas de fogo.

Todavia parece que s. ex.^a no seu intelligentissimo criterio não considerou de somenas importancia a estatua do maior capitão de Portugal, porque terminou dizendo á commissão que lhe enviase o seu orçamento.

E' um assumpto que ainda não está resolvido e que esperamos se resolva de um modo favoravel para a arte nacional. De-sejariamos que s. ex.^a o ministro da guerra, visitasse o atelier onde está erguida a soberba estatua modelada por Antonio da Motta, tendo assim occasião de devidamente avaliar a obra do artista, e mais satisfeito ficará por ter sacrificado alguns canhões em honra de Affonso d'Albuquerque.

Bem certo é que, apesar de todos os canhões que nós fundissimos, nunca obteriamos com elles metade do respeito que ainda nos valem esses grandes nomes do passado; fizeram-nos uma potencia na Europa da renascença, e são os nossos immorredoros brasões de nobresa nacional.

São elles quem nos consola dos males presentes e nos dão ainda forças para viver e sonhar.

RIBEIRO ARTHUR.

Alfredo Keil

Sahindo hoje, excepcionalmente, do campo do *sport*, que lhe está delimitado, para os dominios da arte, vem esta revista prestar a sua homenagem ao glorioso *maestro* portuguez Alfredo Keil, publicando-lhe o retrato acompanhado d'estas singelas e fugidias palavras.

A excepção que assim abrimos bem plenamente a justifica o logar proeminente alcançado na scena lyrica contemporanea pelo auctor da *D. Branca*, da *Irene* e da



Alfredo Keil

Serrana. Victoriado de ha muito, consagraram-no definitivamente as justas e entusiasmaticas demonstrações de applauso e admiração, que ainda ha bem pouco lhe valeu a ultima das mencionadas operas, por parte de todos que tiveram o grato prazer de ouvil-a no theatro de S. Carlos.

Alfredo Keil é, indiscutivelmente, um eleito da arte, a que presta o mais fervoroso culto. Para ella tem vivido exclusiva-

mente, consagrando-se-lhe com uma dedicação persistente e inquebrantável, com uma idolatria fanática, sem esmorecimentos nem desânimos, o que é raro, sobretudo em o nosso meio, tão pouco propenso a animar e incentivar os talentos, que por qualquer forma artística procuram realizar a exteriorização do bello.

Os ecos do ruidoso triumpho que a *Serrana* obteve no nosso theatro lyrico repercutiram-se lá fóra; e, sabedor d'esse triumpho—de tanto maior valia quanto é certo não ser o nosso publico de S. Carlos o mais indulgente dos publicos—o grande Massenet, a quem a opera é dedicada, escreveu a Alfredo Keil uma carta em que se confessa reconhecido e orgulhoso de ver o seu nome ligado a tão formosa composição. Esta carta é um documento de gloria não só para aquella a quem é dirigida, como tambem para o paiz a cujo rútilo sol desabrochou e se aqueceu a inspiração do *maestro*, que melhor tem comprehendido e interpretado o sentir da alma nacional — apaixonado, dolente, melancolico.

Mas além de cultor magistral da sublimada arte que tem sido e será eternamente perenne fonte de deleites para o ouvido, para o espirito e para o coração humano, Keil cultivava tambem a pintura, em que a sua poderosa organização artistica se tem revelado, n'alguns trabalhos, de um modo superior, embora menos brilhantemente que na musica. E igualmente lhe não são extranhas as letras, tendo escripto, se nos não enganamos, a letra de uma operetta sua ha annos representada — a *Susanna* — e tendo sido elle tambem, quem esboçou a acção do libretto da *Serrana*.

E' pois uma das nossas celebridades contemporaneas, que se tem evidenciado de um modo distinctissimo pelo trabalho e pelo talento, e que por isso bem merece os applausos e saudações de todos aquelles de entre nós, que sinceramente se interessam pelo que ainda existe de glorioso e grande n'este malfadado paiz.

M. F.

TAUROMACHIA

Juan Pedro «Esteras»



Juan Pedro «Esteras» nasceu h'a talvez 25 annos n'uma povoação cerca de Zaragoza, onde nos seus principios seguiu a carreira commercial, que depois abandonou para se dedicar por completo ao toureiro. Com maior ou menor fortuna fez a sua aprendizagem, e em 1891 appareceu na praça de Caravaca (Murcia), para bandarilhar dois touros.

N'aquelle tarde, que foi a primeira em que se apresentou fardado, agradou tanto o seu trabalho, que na outra corrida, que se effectou no dia a seguir, fez logo a sua estreia como matador. No anno seguinte bandarillhou alguns cornupetos em diversas praças de Hespanha, como peão das *cuadrillas* organisadas por Antonio Pavo e Lizardo Grané, sendo no mez de setembro d'esse mesmo anno (1892), contratado para estoquear, em tres tardes, novilhos de idade já mais que respeitavel na praça de Cestona, pequena villa da provincia de Guipuscoa, d'onde seguiu para Bilbao a tourear em uma corrida formal como *sobresaliente* do celebre matador saragoçano Nicanor Villa «Villita».

Em 1893 obteve contrato para muitas praças em que alternou com novilhos de nomeada como *Pepe-Hillo*, *Manene*, *Bernalillo* e muitos

outros; em outubro foi elle contratado para trabalhar nas Canarias, onde esteve com *Pechuga*, e quando regressou ao continente em 1894, foi chamado ao serviço militar.

Alistaram-n'o em um regimento que tinha de seguir para as Filipinas, então em completa ebulição por causa da revolta dos nativos.

Seguiu com aquelle destino em 28 de março e logo que desembarcou em 2 de maio teve de se entender, na ilha de Mindanao, não com touros de respeito, mas sim com ferocissimos rebeldes, aos quaes perseguiu com as armas na mão, tornando-se saliente e notado não só n'aquelle ponto como em Luzon.

Juan Pedro era artilheiro e como tal cumpriu sempre o seu dever, algumas vezes com excesso, o que lhe grangeou a estima dos superiores, a consideração dos camaradas, e as 9 cruces roxas que nobremente ostenta em seu peito heróico de valente e decidido.

Quando em 11 de maio de 1898, cumprido o tempo de serviço, desembarcou em Cadiz, a mais das 9 cruces roxas ganhas honrosamente na guerra, trazia tambem as medalhas das sangrentas campanhas de Mindanao e Luzon, e o titulo de benemerito da patria de que justamente se deve orgulhar.

Depois d'um pequeno descanço em que refez as forças depauperadas por um clima pessimo, tornou a envergar não a farda de soldado mas a de toureiro, para em 9 de junho tourear em Guadalajara, e a seguir em mais 20 corridas em diferentes praças incluindo a do Espirito Santo, em Angra do Heroismo, para onde seguiu em dezembro proximo passado.

N'esta cidade obteve o nosso biographado tão grande successo, que a Empreza o contractou com a sua *cuadrilla* para a presente epoca, a inaugurar-se em maio proximo.

Para terminar vamos dizer que crêmos ter feito conhecer não uma personalidade muito preponderante no toureiro, mas sem duvida um homem digno de consideração por isso que, defendendo o bom nome da patria, muitas e muitas vezes arriscou corajosamente a vida.

E quem sabe se apesar d'isso os seus patrioticos, em alguma tarde de corrida, em que a infelicidade o persiga, não o apupará, sem se lembrarem que o *diestro* que elles insultam, se n'aquelle momento se arrisca perante as hastes dos touros para os divertir, já antes se tinha exposto ás balas e aos *machetes* dos indios, para defender os bens da Hespanha.

E. D'A.

As touradas, pelo lado historico

(Continuado do n.º 158)

Depois dos cumprimentos da ordenança, entrou na praça o sargento-mór e ajudantes com quatro companhias de granadeiros dos regimentos da guarnição da côrte, e desempenharam varias evoluções militares.

Em seguida veiu o meirinho da cidade que, por ter o appellido de Netto, deu o nome a esse cargo. Vestia de lustre á corteza e trazia cocar de plumas no chapéu, vara na mão das redeas, e com a direita rebuçava-se na capa até aos olhos. Fez as suas cortezias e foi receber do Marquez d'Abrantes as ordens para a corrida, e a chave do curro.

Entraram depois os toureiros chamados capinhas, vestidos com gibões de chamalote verde, capas de camaleão côr de fogo, meias da mesma côr, e coifas de seda, cahidas.

Logo depois appareceu o duque de Cadaval seguido dos seus gentis-homens, pagens, e de duzentos e cincoenta lacaios vestidos, uns de casaca ao uso de Hespanha, outros á mourisca, de sedas variadas. Montava um cavallo custosamente ajazeado com brocado de fiocos, fitas, palhetas e espiguihas d'ouro e prata, com franjas e galões no xairel. Vestia de castor verde, com forro, canhões e véstia de seda côr de rosa com um martinete negro no meio guarnecido de pedras preciosas. Prendia este cocar um botão, que era uma esmeralda rodeada de brilhantes, e assente sobre um laço de fita verde. Polainas brancas com fitas côr de rosa.

Fez o duque as cortezias e logo, tomando o rojão, esperou o boi, mettendo-lh'o com destreza e atrevimento. Emquanto elle sahia a mudar de cavallo, lidaram-n'o os capinhas; vindo elle logo dar-lhe a morte com a espada, a cavallo.

Entraram seis lacaios e seis mulas castelhanas, guiadas por dois *sotas-cocheiros* e levaram o touro.

Com não menos luxo e galhardia lidaram os seus bois os demais cavalleiros, ficando alguns cavallos mortos na arena.

No intervallo exhibiram-se varias danças: a das Ciganas, das Regateiras, collarejas, das mulheres do Terreiro, a dos pretos da America, e a dos Gallegos, bailando ao som da gaita, vestidos de branco com calções vermelhos. Terminado o intervallo, no qual tambem houve um boi para curiosos, continuou a corrida, sendo lidados vinte touros e mais se lidariam se não fosse a noite roubar a luz tão precisa para esses lances.

Foi esta uma das ultimas corridas do reinado de D. João V.

IV

Como se construiu a praça do Campo de Sant'Anna?

E' o que vamos narrar, cingindo-nos a um esplendido artigo do illustre conde de Sabugosa.

Querendo o infante D. Miguel, então aclamado rei, dar uma corrida, em beneficio d'uma obra de caridade, soube que o empresario da demolida praça do Salitre levantava difficuldades e regateava o preço do aluguel.

Mandou D. Miguel, n'essas circumstancias, chamar o seu amigo, o celebre cavalleiro Sedwen, propoz-lhe a construcção d'uma nova praça, ordenou-lhe sem delongas o seu levantamento e quando ella se concluiu, sem que as despesas fossem contadas, publicou um decreto no qual dava á Real Casa Pia o privilegio da receita d'aquella e d'outras praças n'algumas leguas em redor. O empresario do Salitre, chamado D. José Serrate, ficou furo e muito mais quando o publico, contente com o novo circo, lhe fugia deixando-lhe a casa *das môscas*.

Foi assim que nasceu a praça do Campo de Sant'Anna, condemnada depois em 1888 a ser demolida, pela falta de segurança que offerecia.

Ouçamos agora a prosa brilhante do conde de Sabugosa:

«Cahiram os velhos barrotes carunchosos com mais honras que muitos grandes da terra. Tiveram artigos das primeiras pennas portuguezas — Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Antonio Ennes e outros.

«Na poeira que levantaram ao desmonorarem-se os muros pintados a vermelho, as taboas azues e brancas, as trincheiras e os palanques iam os ultimos ecos de muitas tardes alegres, do estalar festivo dos foguetes, dos trombones desafinados da banda da Casa Pia, mugidos de bois, pregões do homem dos pastelinhos e agua fresca, assobios estridulos da multidão, *fiadas do sol*, gritadas por vozes avinhadas e roucas trocando do lavrador, do *intelligente*, lançando trocadilhos petulantes que faziam rir cinco mil bocças n'uma gargalhada.

«Só n'uma praça de touros é que o povo portuguez falla com graça. A sua voz não tem a melancholia dolente dos *fados*, o funebre entoar dos bemitidos, o grito desolador da mulher do Minho despedindo-se dos parentes emigrantes, e do pescador da Povoá chamando pelos companheiros perdidos no mar.

«Ali no Campo de Sant'Anna a *chalaça* sahia jovial, o dito mordente, e as proprias victimas, — o Cadete, o Botas, o Caixinhas riam com os demais.

«O publico elegia favoritos. Gostava das suizas louras dos irmãos Robertos, do penteado burocratico do gordo Peixinho.

«Tinha também antipathias invencíveis.

«E ai da victima que pretendia desforçar-se, manifestar mesmo um movimento de mau humor, resistir! Quasi sempre os hespanhoes, a não ser os de primeira ordem, Frascuelo, Lagartijo, Mazzantini, soffriam um confronto desfavoravel, nascido já d'um ciúme patriótico, já do desconhecimento da differença da escola que lá obriga a cautelas, tidas aqui como receios.

«Os forcados quando cobardes eram alvo das maiores injurias. Nenhuma ovação, porém, era mais colossal que a obtida por aquelle que, com a sua jaqueta de ramagens, calção amarelo e barrete de lã verde, só, na frente dos outros, perante um silencio solemne, avançava resolutamente ao meio da praça, um quasi nada pallido, batia as palmas ao boi ameaçador, e abrindo-lhe os braços cahia na cabeça do animal que avançava marrando baixo, bufando. Eh! boi real!

«E a praça levantava-se toda, aclamando o valente.

«Pegas boas, sem hesitações, sem medos, sem a falsa coragem que dá o vinho, só as havia nas touradas de curiosos, chamadas de fidalgos por velha costumeira, e porque nas quadrilhas organisadas havia alguns nomes tradicionais, da antiga nobreza historica: o marquez de Castello Melhor, o marquez de Bellas, o conde de Vímioso e varios outros.

«E nas tardes felizes do marquez de Castello Melhor, querido entre os seus, popular no *sol e sombra*, os leques voavam á praça; nas mãos pequenas agitavam-se lenços de rendas, e borboleteavam os dois amphiteatros com gritos e aclamações.

«Com intervallo de poucos annos foram destrahidos do Campo de Sant'Anna, que já se não chama assim, dois dos mais característicos elementos ethnographicos da sociedade portugueza — a feira da Ladra e a praça de touros.»

N'estes ligeiros traços historicos, cujos dados colhi dispersos, devem pôr os olhos aquelles que, como já disse, chamam ao toureio uma arte grosseira e só propria para individuos da mais baixa escala social.

O toureiro, podem crel-o, é fino, donairoso e elegante, e, se hoje em dia, não impõe, amordaçado talvez ainda pela bulla do Papa Gregorio XIII, em breve conquistará toda a sua pujança, todo o valor, todos os seus perdidos brilhantismos, para logo se apresentar como sendo a arte predilecta d'um povo heroico, bravo e destemido!

Se nos tempos aureos do nosso preterito, os reis, os principes e a fina flôr da nobreza desciam á liça e matavam, sem que isso lhes sujasse as corôas, sceptros e brazões, porque não consentirão hoje, não aos reis porque *le monde marche*, mas aos subditos, que se tornem dignos de D. Afonso, de D. Duarte, de D. Pedro e de D. Sebastião, não fallando em outros muitos, toureando com denodo e matando com destreza?!

Eleve-se pois a arte taurina, porque a historia nol-a apresenta como o verdadeiro característico da nossa raça.

EDUARDO DE AGUILAR.

Revista Quinzenal

No domingo de Paschoa teve a praça do Campo Pequeno quasi uma enchente em todos os logares, o que proporciona ao empresario lucros muito rasoaveis.

Porém, os *aficionados* é que não lucram muito com o espectáculo, que sem decorrer monotono, não foi comtudo o que se pode chamar bom, por isso que aos touros, apesar de gordos e bem armados, não lhes sobrou a bravura.

D'entre todos especialisaremos o 4.º que era um garraio bravo, nobre, e extremamente fino.

Deduz-se pois que os bichos do sr. Manuel Duarte d'Oliveira, da Ribeira do Cartaxo, não proporcionarão aos artistas enseo de brilharem.

A cavallo, Fernando e Casimiro fizeram o que podêram e ouviram applausos, o que também succedeu a Theodoro Gonçalves na *brega*, e a Francisco Saldanha em todos os pares que deixou no tal 4.º cornupeto.

Joaquim Hernandez (Parrão), ao trastejar de muleta, não se defendeu e foi colhido uma vez, felizmente sem consequências.

A bandarilhar satisfiz-nos, e a tourear de capa foi simplesmente primoroso em clacissismo, elegancia e mestria.

—Em 9 celebrou-se a 4.ª corrida com rezes de Emilio Infante, menos sabidas do que é costume, de grande gordura, e dando bem em todos os *tercios*.

Para lastimar foi que o afamado creador mandasse para Joaquim Alves dois *ciganos* de marca, que deixaram o artistico cavalleiro em más condições perante o publico.

Este artista no 1.º touro, (o 5.º), pareceu-nos com pouca vontade de se expôr, e no segundo, (o 10.º), também passaria sem fazer sangue se não mudasse de cavallo.

Reapparecendo novamente na arena, e algo indignado com os dois tunantes que lhe deram, quebrou então quatro farpas, a primeira das quaes foi superior.

Manuel Casimiro andou muito bem, no que foi poderosamente ajudado pelas boas qualidades dos dois touros que lhe competiram, o que bem demonstraram, especialmente o primeiro. Procederam de Valle de Figueira.

A pé evidenciou muita vontade de trabalhar o novel Manuel dos Santos, que citou o ultimo touro na cadeira por duas vezes largando-lhe dois meios pares.

Tambem deu um recorte de capote no braço, e outro de joelhos fincados em terra.

Os seus collegas assistiram impassiveis a estas manifestações de arrojo e boa vontade, de bem servir o publico, que paga.

Da gente de Hespanha salientou-se *Blanco*, e no manejo do estoque o espada Reverte, que também recortou com o capote no braço alguns dos de Emilio, com aquella precisão e luzimento que lhe são vulgares.

Os forcados pegaram de cara, intentaram pegar de cernelha, e um, em recurso, pegou de costas.

Tanto Cadete como Manuel dos Santos interviram n'este pouco airoso genero de lide: aquelle prestando ajudas, e este rabejando um dos cornupetos.

E. D'A.

VELOCIPEDIA

Ainda a contribuição sumptuaria sobre velocipedes — Na Russia e em Portugal — Cyclismo e automobilismo — Contra as exigencias dos corredores — Corrida Paris-Roubaix — Corridas na Alemanha em 1898 — Varias noticias.

Não só em cumprimento da promessa que fizemos em o numero anterior, mas também porque o assumpto é de interesse palpitante, voltamos a occupar-nos da exigencia da contribuição sumptuaria de réis 10\$000 por anno a cada cyclistista, comprehendida n'um dos projectos financeiros do actual ministro da fazenda.

Uma das causas que mais tem contribuido para tornar difficil e moroso em Portugal o desenvolvimento do cyclismo é o custo exorbitante das machinas, devido principalmente aos excessivos direitos alfandegarios que sobre ellas impendem.

De facto, esses direitos são de 27 por cento *ad valorem*,—e já um governo ha annos pretende eleva-los a 40 por cento

—emquanto que na Hollanda são apenas de 5 por cento, na Allemanha e na Belgica de 10 por cento, e na França de 250 francos por cada 100 kilogrammas, o que representa approximadamente o pagamento de 6\$000 réis por cada bicycleta.

Dada a exorbitancia de taes direitos, parece que o interesse do estado deveria consistir precisamente em promover a maior generalisação possível do cyclismo, visto que, sendo os velocipedes importados do estrangeiro, quanto maior fôr o numero dos cyclististas, em mais larga escala se fará a importação d'essas machinas, e mais avultarão, consequentemente, os respectivos direitos.

Todavia, na sêde insaciavel, que em regra caracteriza os nossos governos, de encherem os cofres publicos á custa dos miserios contribuintes, esses governos muitas vezes nem sequer pensam que certas contribuições, com cujo producto anticipadamente contam para fundamentarem as suas fallazes promessas de equilibrar o orçamento do estado, podem muito bem dar resultados de todo o ponto contraproducentes. E n'este caso está certamente a contribuição sumptuaria de que tratamos.

Se tão injustificada pretensão fôr por diante, pôde desde já afirmar-se que ella trará a morte inevitavel da velocipedia em Portugal, e portanto os cofres do estado deixarão de perceber a receita que lhes advem dos direitos de importação das machinas, apetrechos e accessorios velocipedicos, e bem assim dos impostos e contribuições que pagam os commerciantes de velocipedes e artigos correlativos.

Será pois o thesouro prejudicado, e aniquilar-se-ha um *sport* cujas vantagens tão preconizadas tem sido pelos homens de sciencia, e de cujos effeitos, restauradores da economia humana, tanto carece a nossa pobre raça depauperada e exhausta.

No relatorio com que precede os seus projectos financeiros, diz o sr. ministro da fazenda que as bicycletas devem ser sujeitas á contribuição sumptuaria «como meios «de locomoção, e que, quer representando «o commodo ou luxo, estão, em qualquer «dos casos, dentro dos principios que «orientaram estas contribuições.»

O principio que deve orientar o legislador no lançamento de quaesquer contribuições, é o de que estas não podem ter logar sempre que d'ellas resulte o encarecimento dos objectos sobre que incidem, a ponto de obstar ao uso ou consumo d'esses objectos. Foi d'este principio elementar que o sr. ministro se esqueceu. Levado talvez do prurido de esquivar, como lhe chama, *materia nova* no seu projecto, s. ex.ª não reflectiu que, se o custo excessivo dos velocipedes, como acima dizemos, tem obstado ao maior desenvolvimento do cyclismo entre nós, a projectada contribuição virá aniquilar esse *sport*, porquanto só raros cyclististas se sujeitarão a pagar réis 10\$000 por anno, accrescidos em Lisboa com 2\$610 réis de licença municipal, e mais 1\$500 réis do novo sello d'essa licença, o que dará o bonito total de 14\$110 réis de impostos directos, pagos annualmente por cada cyclistista, além dos indirectos que igualmente paga.

De resto, nem o uso de uma bicycleta, como já dissemos no anterior artigo, deve ser considerado como manifestação de riqueza, nem de modo nenhum justifica a exorbitante contribuição com que se pretende onera-la. Na proposta do ministerio Dias Ferreira, em 1892, a taxa fixada era de 1\$800 réis annuaes, na do ministerio Hintze-Franco, em 1896, de 1\$500 réis; mas agora, no anno da graça—ou antes

da desgraça — de 1899, o sr. conselheiro Espregueira, ministro da fazenda, pretende que essa contribuição seja de 10\$000 réis por anno, agravada ainda por cima com 1\$500 réis do sello das licenças, que é tambem *materia nova*.

E lembrar-se a gente que em França, onde o cyclismo gosa da maxima protecção, onde existem esplendidas vias cyclaveis e onde o direito de importação de velocipedes é moderado, cada cyclistista, que até agora pagava *11 francos annuaes de contribuição*, sem nenhum outro encargo, vae pagar, de maio proximo em diante, *apenas 6 francos*, que a isto foi reduzida a taxa velocipedica!

Temos fé em que os esforços e diligencias dos commerciantes e associações velocipedicas, secundados por todos os cyclististas do paiz e até pela propria camara municipal de Lisboa, que com mais lucido criterio que o ministro encarou o assumpto, farão com que seja posta de parte a inqualificavel violencia que se projecta. Mas se tal não succeder, se o absurdo vingar, ter-se-ha mais uma vez a prova de que todo o imposto exaggerado ou cuja incidencia é viciosa, produz sempre resultados negativos.

Le Velo, noticiando ha dias que na Russia o ministro do interior propoz recentemente que as bicycletas paguem um imposto de 30 francos, em beneficio das municipalidades, escrevia em guiza de commentario:

Uma taxa de 30 francos! Pobres cyclistas russos! E achamos nós excessiva a taxa de 6 francos!

Quando *Le Velo* se mostra assim admirado por causa de uns miseros 30 francos, que diria se soubesse que em Portugal se pretende exigir aos cyclistas, não 30 mas approximadamente uns 70 francos de contribuição sumptuaria, licença e sello!

Ao menos n'alguma cousa havemos de marchar na vanguarda de todas as outras nações. Este alguma cousa é — o exagero dos impostos.

Quando os *motocyclos* e os automoveis principiaram a vulgarisar-se, não faltou quem predissesse, como coisa infallivel, o breve destronamento da *soberana bicycleta*. Motivava principalmente este augurio a circunstancia de serem, na sua quasi totalidade, transfugas da velocipedica os adeptos do novo *sport*. O exemplo fructificaria — affirmava-se — e em pouco tempo o cyclismo teria passado de moda, e acabaria por ser totalmente abandonado.

Sem que nos deixassemos cegar pelas nossas predilecções pessoas, nunca achámos razão, entretanto, aos que assim pensavam. Acreditámos desde logo no futuro do automobilismo como meio de transporte; como *sport* não. A nosso vêr as pessoas abastadas acabarão de certo por adoptar quasi exclusivamente, para seu commodo pessoal, as carruagens automoveis; as outras, porém, — a maioria — só utilizarão o novo invento sob a forma de transportes em commum. Entretanto a bicycleta continuará sendo, e cada vez mais, a predilecta de todos, de ricos e de pobres, já porque, no ponto de vista *sportico*, um apparelho com motor acabará fatalmente por ser considerado um contrasenso, já porque os progressos industriaes irão tornando a bicycleta cada vez mais accessivel ás bolsas menos fartas.

E' isto o que os factos vão demonstrando. Mesmo em França, onde o automobilismo se tem propagado mais rapidamente, o exercito cyclistista, longe de rarear, constantemente engrossa com os novos recrutas que vem alistar se nas suas fileiras. Affirma-o o diario parisiense *Le Velo*, n'um artigo que temos presente, e do qual traduzimos os seguintes periodos em que se faz o confronto da bicycleta com o automovel:

Quando as carruagens marcharem á nossa vontade, como um chronometro bem regulado, quando baste tocar n'um botão electrico para as fazer andar ou parar, n'uma palavra, quando ellas se tornarem praticas, usuas, utilitarias e sem imprevisito, a sua voga sportiva diminuirá. Serão engenhos de locomoção, como o caminho de ferro, e a gente habituar-se-ha a servir-se d'ellas por necessidade, para o tourismo, mais que para passeio.

A vantagem unica da bicycleta está em ella ser um exercicio, um *sport* e ao mesmo tempo um meio de locomoção. E esta vantagem não a perderá, embora propagando-se, como estamos vendo, entre as classes populares.

Será o cavallo hygienico do ocioso, assim como o vehiculo complacente do empregado e do trabalhador. Adapta-se tanto á phantasia de um como ás necessidades de outro. Adquire uma clientela infinitamente extensivel sem perder os seus adeptos do principio.

Consideramos estes periodos dignos de registo, em presença do reccio, que se vae accentuando, da concorrência que os automoveis podem fazer á bicycleta.

As pretensões e exigencias sempre crescentes dos corredores, tem feito com que os directores de velodromos dos paizes onde o *sport* velocipedico mais desenvolvido se encontra, não pensem senão em ligar-se para se defenderem e protegerem os seus capitaes e os dos accionistas de taes emprezas.

Depois dos velodromos francezes, são agora os allemães que procuram unir-se em syndicato para resistirem victoriosamente áquellas exigencias e pretensões.

Com esse intuito effectuou-se ha pouco em Berlim uma reunião dos directores das principaes pistas allemães, na qual foi resolvida a cotisação annual que cada uma d'ellas pagaria á nova reunião, e bem assim a publicação todas as semanas de um boletim official o *Deutsche Radrenn Zeitung*. Resolveram mais conceder aos corredores uma licença absolutamente necessaria para tomarem parte em corridas organisadas pelos velodromos filiados, não pagarem aos principaes d'esses corredores senão as despezas reaes de mudança de residencia, e nada mais além dos premios que ganharem.

Os fabricantes de cyclos da Russia, fartos tambem das pretensões excessivas dos corredores, resolveram de commum accordo não pagarem mais a corredores russos nem estrangeiros, nem abonarem para tal fim dinheiro aos seus agentes, e bem assim não acceitarem os serviços de qualquer corredor a não ser com prévia अनुencia da casa que elle tenha deixado. Os referidos fabricantes obrigaram-se, sob palavra d'honra, a não violar este accordo, que será valido por tres annos, a contar de janeiro do corrente. Se o compromisso fôr rigorosamente mantido, espera-se que elle prejudique o bom exito d'algumas corridas.

A 4.^a corrida annual Paris-Roubaix (268 kilometros de distancia), para motocyclos e bicycletas, effectuou-se no dia 2 do corrente. Dos 32 cyclistas que n'ella tomaram

parte o 1.^o a chegar foi Champion, que fez o percurso em 8 h. 22' 53"; o 2.^o Bor, em 8 h. 46' 13", o 3.^o Garinjeune, em 8 h. 46' 17", e o 4.^o Chevalier, em 9 h. 17' 2". Dos motocyclistas o 1.^o foi Osmont, que percorreu a distancia em 5 h. 35' 30", dando portanto uma media de de 44 kil. 928^m á hora, enquanto que a media do andamento de Champion foi de 32 kil, e 12^m.

No anno proximo passado houve na Allemanha 238 reuniões cyclistas nas quaes foram disputadas 1:208 corridas por 1:093 corredores. A importancia dos premios em dinheiro ascendeu a 60 contos de reis approximadamente, sendo, além d'esses premios ganhos pelos profissionalles, distribuidas aos amadores 2.672 medalhas, taças e objectos de arte.

Em Berlim a distribuição da correspondencia é toda feita, presentemente, por carteiros cyclistas. O resultado é haver n'aquella cidade 27 distribuições diarias, e uma carta deitada na caixa postal ser entregue ao destinatario trez quartos de hora ou quando muito uma hora depois.

Em Lisboa um telegramma, expedido de um ponto da cidade para outro, leva tres ou quatro vezes mais tempo a chegar ao seu destino.

N'umas corridas velocipedicas realisadas ultimamente em Sydney, o vencedor de uma das provas foi... um morto.

Antes que o leitor sorria de incredulidade dir-lhe-hemos como se passou o extraordinario caso. Um dos competidores de nome James Somerville, que ia na frente, alguns metros antes de chegar á meta abandonou o guaidor perdeu o equilibrio e cahiu justamente quando ganhava o primeiro premio. Succumbira á ruptura de um aneurisma e vencera já cadaver!

O proprietario de uma hospedaria de Melbourne (Australia) descobriu um meio engenhoso de attrahir freguezes. Põe á porta do seu estabelecimento tres ou quatro bicycletas de senhora, o que faz com que os cyclistas machos que passem pela estrada parem e entrem na hospedaria, na esperança de lá encontrarem alguma formosa companheira de digressão,

Si non è vero è bene trovato.

Um constructor de Berlim lançou agora no mercado allemão uma bicycleta pneumática, para ser vendida pelo preço extraordinariamente modico de 9\$000 réis. Commentando esta noticia escreve com graça e com razão, *Le Velo*: — *Bécane, tu n'auras pas mes os!* Nem os nossos, se Deus quizer!

O famoso Jefferson declarou a um jornal que tentaria brevemente effectuar a travessia da Africa, do Cairo ao Cabo, em bicycleta. Se tal projecto, não é uma patacoada, não se nos affigura a sua realisacão facil empreza.

Conta um jornal inglez que recentemente, em Birmingham, uma velha surda foi atropellada por um cyclistista. Pois quando a levantaram do chão tinha recobrado a facultade de ouvir. Embora a noticia seja verdadeira — o que aliás não garantimos — abtemo-nos de aconselhar o remedio aos surdos.

No proposito de ser util aos cyclistas, o *Daily Telegraph* publica nos seus numeros de sabbado o estado das estradas e a direcção do vento para todas as localidades dos arredores de Londres que ordinariamente são visitados por cyclistas.

Em França a importação de cyclos, respectivos accessorios e peças soltas, tem progredido successivamente. Assim, em 1896 foi de 680.000 francos, em 1897 de 1.575.000 francos, e em 1898 de 3.180.000 francos.

Dois cyclistas de Cardiff foram condemnados a 15 dias de prisão por andarem pelas ruas com uma velocidade excedente a 12 kilometros á hora, que é o maximo do andamento regulamentar. Felizmente para elles é-lhes facultado remirem esta pena por uma multa pecuniaria.

Em Dublin um certo numero de garôtos constituiram entre si uma sociedade, cujo fim consiste na limpeza de bicycletas, tanto nas vias publicas como nos domicilios, por uma quantia diminutissima. É uma vantagem para os cyclistas d'aquella cidade, e uma fonte de receita para os socios da nova empreza.

Um cyclista de Chicago, M. Burnkes, de 54 annos de idade, percorreu em bicycleta, durante 104 dias consecutivos, 100 milhas por dia, ou sejam 160 kilometros, o que representa um percurso total de 16.640 kilometros. Em testemunho de admiração os cyclistas do Illinois enviaram-lhe uma medalha d'ouro, mas talvez tivessem feito melhor presenteando-o com uma cama para descansar.

O Touring Club de França prepara uma viagem em Marrocos, de Tanger a Fez, região inexplorada ainda pelos touristes. Esta viagem effectuar-se-ha de 18 de maio a 17 de junho.

A familia imperial allemã é fanatica pelo sport. Dá-lhe o exemplo o imperador, que é cavalleiro, caçador, esgrimista, cyclista, etc. Todos os seus filhos praticam igualmente os sports, por gosto e em obediencia ás ordens paternas. O quarto filho do imperador, o principe Augusto da Prussia, começou agora a pedalar. Seu pae offereceu-lhe ha pouco a sua primeira bicycleta.

No domingo ultimo, 9 do corrente, o *Grupo Clément* realisoou o seu primeiro passeio da presente época, visto o mau tempo lhe não ter permitido levar a effeito o que projectara para os dias 25 e 26 de março ultimo, conforme noticiámos. N'este passeio tomaram parte os srs. Egidio Costa, guia do grupo, Armando Borges de Almeida, José Beirão, Joaquim Henriques, E. Silva, Arthur Oliveira, José Dias, Julio Marçal, Costa Antunes, Antonio Chaves e G. Gomes. Os cyclistas partiram de Lisboa cerca das 8 horas da manhã e dirigiram-se a Bellas, onde almoçaram, indo depois para a Quinta Grande, propriedade do sr. Borges d'Almeida.

Pelas 3 horas da tarde regressaram a Lisboa. No mesmo dia effectou-se um outro passeio cyclista a Cascaes, promovido pelo encarregado do deposito da fabrica Humber, sr. José d'Almeida. A partida foi ás 7 horas da manhã, e o regresso ás 4 horas da tarde. N'este passeio tomaram parte mais de 20 cyclistas, aos quaes serviu de guia o promotor.

Tambem no dia 9 se effectou em Lagos uma corrida de fitas em bicycletas, dedicada ás senhoras, e em beneficio da Misericordia e Asylo d'aquella cidade. Tomaram parte na corrida 14 cyclistas, que tiraram 33 fitas esplendidamente bordadas por damas de Lagos. No torneio distinguuiu-se o sr. Francisco Pacheco, que foi o que tirou maior numero de fitas, cabendo-lhe por isso um premio. A concorrência a esta festa foi muito numerosa.

MAGALHÃES FONSECA.

Sport Club do Pará

Temos presente o relatório da direcção d'este club, relativo ao anno proximo findo.

Por esse documento, excellentemente elaborado, que lêmos com o subido interesse que nos

merecem os progressos e desenvolvimento das associações sportivas do Brazil — paiz a que nos ligam tão estreitas affinidades e tão cordeas relações — vemos que o «Sport Club do Pará» é actualmente uma associação de primeira ordem, com poderosas condições de vitalidade, que de certo lhe permitirão caminhar e progredir ainda muito mais.

A direcção, que no anno transacto teve a seu cargo a gerencia do club, confessa tê-lo encontrado n'um grande desalento, n'uma profunda apathia, mas, pelos seus esforços e aturadas diligencias, poudo fazel-o reviver, desenvolvendo a esphera da sua acção, e aproveitando todos os elementos de que poudo lançar mão para tornar-o attrahente aos socios.

Depois de regularisar a situação financeira da sociedade, organisou a direcção uns concertos classicos, dos quaes realisoou durante o anno perto de cincoenta, que obtiveram um grande exito e attrahiram ás salas do club uma selecta e nmerosa concorrencia, contribuindo assim effizamente para levantar a associação do abatimento em que estava. Pelo carnaval effectou uma *matinée* infantil, um sarau e uma batalha de flores, e mais tarde, como complemento dos concertos classicos, inaugurou uns jantares concertos aos domingos, seguidos de reunões dançantes de caracter puramente intimo.

Além d'isto mandou a direcção edificar um vasto salão para gymnastica, com magnificosapparelhos, installou um jogo de bola, fez aquisição de patins e construiu um picadeiro e um velodromo, tendo-se effectuado n'este, durante o anno, tres corridas, sendo uma d'ellas a do *Campeonato do Pará*.

Por esta rapida resenha se vê que o *Sport Club do Pará* é incontestavelmente, como sociedade *sportiva*, uma das mais completas de que temos noticia. Não obstante todas as despesas feitas nos melhoramentos a que nos referimos, a direcção fechou as suas contas com um saldo de 26.666\$060 réis, representados em moveis e bemeifeitorias, levados á conta de capital.

Concluimos por isso esta rapida noticia com o seguinte periodo do relatório, que traduz perfeitamente a opinião que formamos de tão prospera associação:

«Tudo nos induz a crêr que ao «Sport Club do Pará» está reservado um papel saliente na formação do meio social em que vivemos, contribuindo para a nossa educação physica, para a modificação dos nossos costumes e para revigorar os laços de sociabilidade que costumam existir entre todos os membros das sociedades cultas.»

Porto, 4 de abril, de 1899.

O acontecimento mais importante da semana foi o passeio official que o *Real Velo Club do Porto* realisoou a Aveiro em visita ao Gymnasio d'aquella cidade.

Partiram os excursionistas do Porto em comboyo ás 8 1/2 horas da manhã em direcção a Estarreja, onde no hotel Mattos fornecedor do R. V. C. P. se realisoou o almoço.

Convem fazer aqui notar que o grande trajecto que se effectuou em caminho de ferro, foi pelo motivo de todas as estradas que convergem n'aquella direcção se acharem em um deploravel estado, e o passeio ser organisado para fortes e fracos.

Se não foi grande o numero de socios que n'elle tomaram parte, por haver grande numero de excursões particulares projectadas para os dias 24 25 e 26, a verdade é que a boa ordem em que se realisoou, a recepção brilhantissima que o *Gymnasio Aveirense* fez aos excursionistas deixaram bem compensados os esforços que se empregaram para que a excursão fosse mais concorrida.

Depois do almoço em Estarreja seguiram 14 excursionistas montados, pela estrada de Anjeja, que é uma das melhores e mais bellas do norte de Portugal.

Ao chegar á Ponte do Vouga uma girandola de foguetes annuncia a sua chegada aguardada por cerca de 60 cyclistas socios do *Gymnasio Aveirense* capitaneados pelo nosso querido amigo Mario Duarte a alma d'aquella bella aggremação que

tantos serviços tem prestado e prestará ainda, decerto, á causa do sport.

Trocados affectuosos cumprimentos entre os cyclistas de um e outro grupo, seguiram juntos para Aveiro.

Com verdadeiro prazer vimos algumas senhoras em *tandem* e bicycletas e até um automovel que tambem nos acompanhou. Ao chegar a Aveiro novas demonstrações de rigosijo lhes foram feitas dispendendo os socios do Gymnasio aos seus collegas do R. V. C. P. toda a classe de amabilidades.

O Gymnasio acha-se installado em um bello edificio expressamente construido para a sua installação, que é na verdade magnifica.

Nada falta ali.

Uma linda sala com aparelhos de gymnastica, quartos de banho, salas para jogo, restaurant, um bello salão para bailes que tambem pôde ser aproveitado para patinagem, tudo emfim que n'um club d'aquella natureza é necessario.

Contiguo á casa ha um jardim com um bom *court de lawn-tennis* onde vimos jogar algumas partidas os socios do G. A. e os do R. V. C. P.

Os excursionistas dividiram-se em varios grupos visitando uns a cidade, outros foram até á barra ver o magnifico pharol que é uma verdadeira obra d'arte.

O jantar offerecido bizarramente pelo Gymnasio, foi cerca das 6 horas da tarde no hotel Central, assistindo a elle 60 cyclistas socios do Gymnasio, socios correspondentes do R. V. C. P. em Coimbra, Oliveira do Hospital, delegados do mesmo em Aveiro, Villa da Feira, Beira Alta, etc.

Foi uma festa brilhantissima como o são todas as que o Gymnasio organisa e que deixou em todos immorredouras recordações.

Presidiu Mario Duarte, dando a direita aos membros da direcção do R. V. C. P., commendador Motta Ribeiro (secretario geral), tenente Fernando Guimarães, Olyntho Muaze e Edgard Katzenstein.

Iniciou os brindes Mario Duarte que n'um bello improviso saudou os seus collegas do R. V. C. P., e referindo-se em palavras encomiasticas aos serviços prestados por esta sociedade ao sport cyclista em Portugal, brindou pela sua prosperidade.

Respondeu-lhe a agradecer o tenente Fernando Guimarães que fez apologia do Gymnasio, louvando a sua organisação e os serviços prestados ao sport nacional, brindando tambem pela sua prosperidade.

Motta Ribeiro fez um brinde que foi muito correspondido, ao nosso amigo Mario Duarte.

Brindaram tambem os nossos amigos srs. Doria, dr. Leitão, José Mourão, delegado do R. V. C. P., em Aveiro e ainda Tavares (Zico Pedal), brindes que foram entusiasticamente correspondidos.

(Continua).

PEDAL CHICO.

PHILATELIA

Falsificações

(Continuado do n.º 154)

França

Nos lithographados, os traços brancos que acompanham a linha interna do *encadrement* são inteiramente da mesma grossura, terminando em curva apertada, ou *gancho*, nas duas extremidades. Nas typo-

graphicas, esses traços são enrolados nos extremos e terminam em bola pequena.

Nos litographicos, as letras de CENTIMES são espaçadas, e juntas nos typographados.

Nas palavras à *percevoir*, à é estreito, e *percevoir* é composta de letras finas e espaçadas, sendo à largo e *percevoir* composto de letras grossas nos typographicos.

*

Dados os característicos dos exemplares authenticos, mais facil se torna o reconhecimento das falsificações; mas como algumas d'ellas são mui perfeitas, é conveniente citar tambem os seus característicos.

Uma d'ellas, em lithographia, tem a tinta muito negra e o papel amarellado. Além d'isso as palavras CENTIMES e à *percevoir* tem a fôrma e a collocação dos sellos typographicos.

N'outra, obtida pelo processo photolithographico e que no conjunto apresenta muita perfeição, tem os caracteres e algarismos bastante deformados. A perna direita do A de TAXE é maior do que a esquerda e quasi que toca o filete branco do *encadrement*.

Finalmente, n'uma outra falsificação, tambem perigosa, em CENTIMES, o C e o N são muito abertos, o I tem a barra mui fina, o E e o S são muito estreitos. Em à *percevoir*, o à é muito estreito e o acento muito curto e as letras de *percevoir* mui finas. Em TAXE a perna direita do A é mais comprida.

60 CENTIMES (*taxas*), *amavello*, 1878-79:—O característico mais importante dos sellos falsos d'esta taxa é acharem-se ligados ao florão correspondente *todos* os ferros de lança que se veem nos cantos do sello; ao passo que se veem exemplares authenticos, no ferro do canto superior direito não ha essa ligação. Além d'isso as palavras CENTIMES e à *percevoir* tem os caracteres empastados.

Roma

1/2 BAJOCOCCO, *azeitona*; — E' curioso o caso de que hoje tratamos!

Em 1892, E. Düena, num artigo publicado no *Filatelia*, provou que o sello de 1/2 bajocco, azeitona, dos Estados Pontificios, é apenas uma imitação por transporte lithographico.

E' certo que todos os detalhes do desenho são perfectamente reproduzidos; mas a impressão é *empastada*.

Nos sellos authenticos, a separação entre uns e outros é feita por meio de dois traços verticaes e dois horizontaes, ao passo que no 1/2 bajocco, azeitona, é apenas vertical, notando-se tambem que ha uma grande margem, o que não pôde dar-se nos bons, porque os sellos eram muito juntos.

E o mais engraçado é que a tal falsificação custava... 100 marcos, ou uns 30\$000 réis, tendo apparecido no mercado philatelico em 1871 ou 1872 sem que até ao estudo de E. Düena se tivesse percebido a burla!

Y $\frac{1}{4}$ de Cuba

Quem primente teve a luminosa idéa de sobre *carregar* sellos postaes foram os francezes, que transformaram em 250 valor do sello de 20 centimes, azul, de 1850; mas é sabido que essa sobrecarga nunca circuleou e que só pôde figurar no album de algum curioso como um simples *ensaio*.

Por isso a *gloria* de pôr em giro sellos

sobrecarregados compete aos hespanhoes, que em 1855 sobrecarregaram o 2 REALES PLATA de Cuba, emissão do mesmo anno, com os caracteres Y $\frac{1}{4}$

(*Continúa*).

J. FRAGA PERY DE LINDE.

DIVERSAS

Grupo Naturalista

Com esta denominação, fundou-se em Lisboa uma aggreiação scientifica composta de homens novos, sahidos das nossas escolas superiores e outros frequentando-as, impondo-se, a si mesmos, a continuação e desenvolvimento dos estudos de sciencias naturaes.

As excursões scientificas que tão precisas se tornam em o nosso paiz, que tem muito que explorar, é um dos muitos attractivos que, com certeza, attrairá ao *Grupo Naturalista* os muitos, que já excitam, devotados a tão apravel estudo.

Para darmos edeia exata d'aquillo a que vem essa pleiada de homens cheios de vida e devotados ao estudo, publicamos o Capitulo 1.º dos Estatutos do Grupo approvados em Assembléa Geral de 2 de setembro de 1898, que tão amavelmente nos foi offerecido e que muito agradecemos, sentindo que o espaço nos falte, aliás, publical-os-hiamos na integra. Este trabalho já de si valioso vem firmado pela commissão installadora composta dos srs. Carlos Samwell da Silva, Diomedes Machado, José J. Brou e Sebastião A. S. May Figueira.

Segue a parte do estudo a que nos referimos:

CAPITULO I

Denominação, fins e séde

Artigo 1.º — E' formado em Lisboa pelos presentes estatutos, um grupo exclusivamente scientifico, com o titulo de *Grupo Naturalista*.

Art. 2.º — A séde do Gupo é em Lisboa.

Art. 3.º — O Grupo tem por fim exclusivo, desenvolver e propagar o estudo de fauna, flora e solo de Portugal e suas colonias e:

- 1.º Crear um museu onde serão expostos e separados por galerias os exemplares de zoologia, botanica, mineralogia e geologia, exclusivamente de Portugal e suas colonias;
- 2.º Instalar os respectivos laboratorios;
- 3.º Crear uma bibliotheca de Historia Natural;
- 4.º Crear um gabinete de photographia e microscopia;
- 5.º Promover excursões puramente scientificas e com o fim de adquirir exemplares para o enriquecimento do museu e proporcionar aos associados o meio pratico de estudo e crear o gosto pelas sciencias naturaes;
- 6.º Catalogar e descrever os exemplares expostos no museu;
- 7.º Publicar boletins annuaes onde serão feitos os trabalhos sobre a fauna, flora e solo do paiz e onde serão descritas as excursões feitas e os exemplares colhidos;
- 8.º Publicar cartas zoologicas, botanicas e geologicas;
- 9.º Crear cursos praticos e theoreticos de sciencias naturaes.

Jão Gagliardi

Este nosso bom amigo e distincto professor de equitação, que tambem nos honra collaborando em a nossa revista, está organisando com todas as minuciosidades, as marcas, ou ferros, de todos os lavradores portuguezes e hespanhoes criadores de cavallos, para expôr á venda.

Consta-nos tambem que o nosso amigo está escrevendo uma obra de grande importancia e interesse para o sport hippico; é um dictionario de equitação e hypologia.

Surprebendente

Chamamos a attenção dos nossos leitores em geral, e sobre toda das nossas amaveis leitoras, para a verdadeira maravilha que o sr. Santo Diniz hoje annuncia em a nossa revista.

Surprehede o vêr uma linda e grande boneca, muitissimo bem vestida, fallando rindo e cantando, com verdadeira correção. O que succederá a uma creança ao vêr tal phenomeno? Fica louca de alegria!

Até nós, com os nossos cabellos brancos, sentimos tentações de possuir a maravilhosa boneca.

Arte da Caça d'Altaneria

A *Bibliotheca de Classicos Portuguezes* acaba de publicar uma obra interessantissima — Arte da Caça d'Altaneria — por Diogo Fernandes Ferreira: livro quasi desconhecido, impresso em 1616, e que encerra curiosissimas informações.

Desejavamos dar aos nossos leitores larga noticia do bello trabalho de Diogo Ferreira, o que agora não podemos fazer, reservando-nos para o proximo numero.

O que desde já diremos é que a Arte da Caça constitue dois elegantes volumes, ao modico preço de 400 réis cada um resolvendo a *Bibliotheca de Classicos* dar o bonus de 20% aos assignantes d'O Tiro Civil.

O primeiro volume está já á venda, podendo os nossos estimaveis assignantes requisital-o á administração da nossa revista, rua do Crucifixo, 19, 1.º, acompanhando a requisição de 335 réis, importancia do volume e porte do correio.

A Inauguração da Estatua Equestre

Acaba de publicar-se em edição luxuosa esta bella comedia em 5 actos do laureado e illustre dramaturgo e fallecido general Joaquim da Costa Cascaes.

A *Inauguração da Estatua Equestre* é uma pagina brilhante do governo do Marquez de Pombal; os personagens estão traçados por mão de mestre e o scenario e guarda roupa seria em scena uma verdadeira maravilha.

Foi a enorme despeza que seria indispensavel para subir á scena a comedia que não animou as empresas a fazel-a representar e pena foi porque seria mais um motivo para applaudir o festejado auctor. A publicação agora feita é um serviço prestado ás letras patrias.

Seguir-se-hão a esta todas as obras do general Cascaes; são os dramas: *A Caridade*, *A Lei dos Morgados*, *O Alcaide de Faro*, *O Castello de Faria*, *O Valido*; e as comedias: *A Pedra das Carapuças*, *Nem Cesar nem João Fernandes*, *Nem Russo nem Turco*, *O Estrangeirado*, *O Mineiro de Cascaes*, *Geraldo Sem Sabor*, ou *Uma Noite de Santo Antonio na Praça da Figueira*.

Por emquanto estão á venda e impressos dois volumes da poesias e *A Inauguração da Estatua Equestre*. Esta ultima custa apenas 500 réis, e está á venda em todas as livrarias.

O Ribatejo

Este nosso collega que se publica em Aldea Gallega, teve a amabilidade de transcrever do n.º 158 de *O Tiro Civil* o conto *A lenda do pintarraxo*, do nosso estimado collega d'esta redacção o sr. Ernesto Vianna, favor que muito nos penhorou.

Ao collega só esqueceu mencionar *O Tiro Civil*, de onde o transcreveu. Calculamos quanto ficou arrefiado com o esquecimento; nem o caso é para menos.

SUMMARIO

O assassinio de Lançarote — O novo couraçado *Rainha D. Amelia* — União dos Atiradores Civis Portuguezes, mapa do 5.º torneio, balancete de março — Noticias de tiro — Martins Afonso de Miranda e o tempo de agora, por ZACHARIAS d'ACA — Caçadas na Povoia das Meadas, por ... — Os patos bravos terão dois pés? por ERNESTO VIANNA — Associação dos Caçadores Portuguezes, direcção, balancete de março, avisos — Uma sociedade modelo, por POLIX — O defeso — Sociedade de tiro aos pombos — Tiro de sala — A estatua de Afonso de Albuquerque, por RIBEIRO ARTHUR — Atredo Keil, por M. F. — Juan Pedro (Esteras), por E. D'A. — As toureadas, pelo lado historico, por EDUARDO DE AGUIAR. — Revista Quinzenal (Iphraonachia) por E. D'A. — Velocipedia, por MAGALHÃES FONSECA — Sport Club do Para — Porto (ciclismo), por PEDAL CHICO — Philatelia, falsificações, por J. FRAGA PERY DE LINDE — Grupo Naturalista — João Gagliardi — Surprebendente — Arte da Caça da Altaneria — A inauguração da estatua equestre — O Ribatejo.

GRAVURAS

O assassinio de Lançarote — Antonio da Costa Motta — Estatua de Afonso d'Albuquerque — Alfredo Keil — Juan Pedro (Esteras).

Maravilha Mechanica!!

A BONECA QUE FALLA

O phonographo applicado a uma lindissima boneca fazendo-a fallar! rir!! e cantar!!!

Esta verdadeira maravilha é completa novidade em Lisboa.

O melhor presente, mais interessante e de mais valor que se pôde dar a uma criança.

CAZA SANTOS DINIZ

Praça dos Restauradores, 51

AVENIDA DA LIBERDADE
LISBOA

Companhia Industrial Productora

DE

PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições
que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27
N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casias em todos os generos; papeis para encadernação, percalinas, chagrim, agathas; papeis marmoreados; papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.

Arte da Caça d'Altaneria

POR

Diogo Fernandes Ferreira

Dois elegantes volumes 800 réis

Leitura muito interessante com especialidade para os caçadores a quem presta larga espia de informações preciosas.

Está á venda o 1.º volume, 400 rs. Os srs. assignantes d'O Tiro Civil tem o bonus de 20 9/10. Dirigir as requisições á rua dos Retrozeiros, 147, acompanhadas de 335 réis, importância do volume e porte do correio.

Telephones baratos

Ha dois quasi novos para vender

Casa SANTOS DINIZ

Praça dos Restauradores, 51

Avenida da Liberdade
LISBOA



JOÃO VAZ DA COSTA

CONSTRUCTOR DE MOBILIAS ESCOLARES

Fornecedor do Estado
e Camaras Municipaes

142, Rua do Bemfornoso, 148
LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

FUNDAIA EM 1869 POR MANUEL JOSÉ FERREIRA

ACTUAES PROPRIETARIOS

Manuel José Ferreira, successores

132, 134, Rua Auroa, 136, 138

LISBOA

Grande sortimento em livros de missa e semana santa. Livros para os cursos superiores e primarios. Livros juridicos e de ciencias, nacionaes e estrangeiros.

Correspondencia directa com os principaes centros litterarios do mundo.

Assignatura para todos os jornaes estrangeiros, de sport, modas, scientificos, litterarios, theatro, etc.

Satisfazem-se todas as encomendas com a maxima brevidade.

CAMARAS D'AR

Stocke de 1898

Ha para liquidar ao preço de
1\$000 a 2\$000 réis

Praça dos Restauradores, 51

CASA SANTOS DINIZ

ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade
Especialidade em café, lote 720 réis o kilo
Fructas nacionaes e estrangeiras
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41
LISBOA

AOS CAÇADORES

EXCURSIONISTAS

Conservas — (pickles)

MOSTARDA PREPARADA

FABRICA M. A. BRITO

Pedir em todas as mercearias
e confeitarias

POR 500 RÉIS SEMANAES

POR 500 RÉIS SEMANAES



POR 500 RÉIS SEMANAES

105, PRAÇA DO LORETO, 107

LISBOA

AOS CAÇADORES!

Grande e variadissimo sortimento de espingardas de 1 e 2 canos, de carregar pela boca e de carregar pela culatra, recebidas directamente da acreditada fabrica Victor Collette de Liege e d'outras, assim como da acreditada fabrica Manufactura Francaeza d'Armas de St. Etienne — França.

Revolvers

de diversos systemas e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith Wesson, Colt e outros.

Carabinas

Flobert, Merwin Hulbert e de outros systemas.

Carabinas Buffalo

proprias para carreiras de tiro. Estas carabinas estão sendo adoptadas em Farnça em todas as escolas de tiro, por serem de muita precisão e poderem servir para atirarem a distancias de 30, 50, 100 e 200 metros.

Cartuxos

vasios ou carregados, cargas para revolver e carabinas, e todos os accessorios concernentes aos caçadores.

PREÇOS RESUMIDOS

F. A. Ventura

T. DE S. DOMINGOS, 50 a 56
LISBOA

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO



Madeira, Santa Maria,
S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia)
S. Jorge (Vellas),
Caes do Pico e Fayal

Sae o vapor **Funchal**, commandante Antonio Xavier d'Andrade no dia 20 de abril ás 10 horas da manhã.
Trata-se com os agentes, Caes do Sodré n.º 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaut.

CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1899, continuará, como em 98 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a eguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamientos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construida para supportar um peso d'un cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.



SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa

Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.ª New York, America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1\$000 réis semanaes.

Ensino, aluguer e reparações em todos os systemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas cornetas Espan-ta cães.

CASA COLUMBIA

MODELS FOR 1897 READY

Columbia

GREATEST BICYCLE FACTORY IN THE WORLD

POPE MANUFACTURING CO
HARTFORD, CONN., U.S.A.

NEW CATALOGUE FREE FROM ANY COLUMBIA AGENT
OR BY MAIL FOR A TWO CENT STAMP

Consultorio dentario Satrio Augusto Paiva
Cirurgião dentista

pela escola de Paris.—Doenças de bocca e dentes

60, 2.º, RUA SANTA JUSTA, 60, 2.º

Consultas gratis aos pobres das 10 ás 11 da manhã